



PAULO SERBAI

A Conversão no Triódio Quaresmal



FASBAMPRESS

A Conversão no Triódio Quaresmal

Paulo Serbai

A Conversão no Triódio Quaresmal



FASBAMPRESS

Faculdade São Basílio Magno

R. Carmelo Rangel, 1200
Curitiba/PR 80.440-050

Fone: (41) 3243-9800
www.fasbam.edu.br
comunicacao@fasbam.edu.br

Conselho Editorial

Dr. Irineu Letenski (Presidente)
Dr. Teodoro Hanicz
Dr. Rogério Miranda de Almeida
Dr. Germano Rigacci Júnior

Projeto gráfico, diagramação e capa

Marco Antônio Pensak

Bibliotecária

Sirlene Maria Marcinek Mazur
CRB PR 001937/0

Editor-chefe

Dr. Irineu Letenski

Preparação e revisão

Dr. Edilson da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Faculdade São Basílio Magno (FASBAM)

S482 Serbai, Paulo

A conversão no Triódio Quaresmal / Paulo Serbai ;
Curitiba: FASBAMPRESS, 2021.

66 p.

ISBN: 978-65-994307-4-9

ISBN Digital: 978-65-994307-3-2

1. Liturgia oriental. 2. Grande Quaresma.
I. Título.

CDD 264.01

Índice para catálogo sistemático
1. Liturgia oriental 264.01

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

PARTE I

A CONVERSÃO NA PRÉ-QUARESMA

NO DOMINGO DO FARISEU E DO PUBLICANO.....	11
NO DOMINGO DO FILHO PRÓDIGO.....	13
NO DOMINGO DA DISPENSA DA CARNE.....	15
NO DOMINGO DA DISPENSA DOS LATICÍNIOS.....	18

PARTE II

A CONVERSÃO NA GRANDE QUARESMA

PRINCÍPIOS GERAIS	23
<i>Conversão: ação divina</i>	23
<i>Conversão: ação humana</i>	26
<i>Conversão: ação mediada</i>	28
<i>A. Intercessão de Maria Santíssima</i>	28
<i>B. Intercessão dos Apóstolos</i>	30
<i>C. Intercessão dos Mártires</i>	31

CONVERSÃO NAS PRIMORDIAIS TEMÁTICAS BÍBLICAS

DOMINICAIS	32
------------------	----

<i>Na temática dos profetas Moisés, Aarão e Samuel.....</i>	33
<i>Na temática do Filho Pródigo.....</i>	35
<i>Na temática do Fariseu e do Publicano.....</i>	37
<i>Na temática do Bom Samaritano.....</i>	38
<i>Na temática do Rico Epulão e do Pobre Lázaro.....</i>	40

ADORAÇÃO DA SANTA CRUZ: CENTRO DA CAMINHADA QUARESMAL.....	42
---	-----------

MODELOS DE CONVERSÃO	47
<i>Os Santos Teóforos.....</i>	<i>48</i>
<i>São Teodoro de Tiro.....</i>	<i>51</i>
<i>São Gregório Palamas.....</i>	<i>53</i>
<i>São João Clímaco.....</i>	<i>55</i>
<i>Santa Maria Egípcia.....</i>	<i>57</i>

POSFÁCIO	61
-----------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	63
---------------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

Este livro tem o objetivo principal conduzir o leitor a fazer uma reflexão sobre a conversão no Triódio Quaresmal também a partir da contribuição de Andronikof e de Schmemmann. Eles têm analisado a mesma temática, embora com pontos de vista e maneiras diferentes de abordagem. No que se refere à maneira que elaboramos na segunda parte, principalmente, cremos que é bastante original.

O tema analisado é de grande importância, pois na medida em que nos aprofundamos no Triódio¹, ele nos conduz ao centro da conversão quaresmal. Como livro litúrgico e quaresmal por excelência, ele contém toda uma espiritualidade e uma teologia apropriada para este período penitencial. A vivência penitencial nele contida é orgânica, própria e direcionada a um fim bem específico: a preparação para a Páscoa, a qual, por sua vez, supõe a purificação que possibilitará a contemplação da Ressurreição no terceiro dia.

¹ Livro Litúrgico que preenche um período de dez semanas de preparação à festa da Páscoa, a saber: as sete semanas da Grande Quaresma e as três que a precedem. Inicia-se no Domingo do Fariseu e do Publicano e termina com o Sábado de Lázaro. Neste período, todo domingo é considerado como o final da semana, ou seja, a semana começa com a segunda-feira e termina com o domingo. A denominação particular do “Triódio” provém do fato de usar somente três odes no ofício das Matinas, ao invés das nove odes habituais. Essas, geralmente, são atribuídas aos Studitas Teodoro e José. O Triódio quaresmal, seguidamente, é acompanhado da especificação “Katanyktikón” (de compunção), para diferenciá-lo do outro Triódio, chamado “Charmósion” (radioso), que é utilizado nos 50 dias “de alegria” que seguem a festa da Páscoa.

Parafrazeando Andronikov,² podemos afirmar que é justamente o Triódio que nos auxilia a descobrir o sentido autêntico, profundo e dinâmico do mistério pascal: a inauguração de um caminho que o homem é convidado a percorrer, abandonando a sua situação de pecador, como resposta à condescendência divina. No Triódio encontramos um modelo de resposta ao amor divino revelado em Jesus Cristo. O caminho proposto, por ser dinâmico, supõe e exige a conversão. Neste sentido, ele nos é apresentado como um caminho seguro e capaz de purificar o coração e a mente e restaurar o relacionamento primordial com Deus, com o mundo e consigo mesmo. Partindo dessa dinâmica, o Triódio nos conduz a recobrar aquela condição ontológica do nosso ser autêntico de filhos da Luz, à procura da Luz. Essa iluminação é fruto da Ressurreição: meta da nossa preparação pascal.

Nas páginas que seguem aprofundaremos a proposta quaresmal no Triódio e veremos em que consiste a conversão à qual somos convidados e orientados. Optando por essa análise, descartamos todos os outros componentes que possam envolver um estudo mais detalhado do mesmo, como por exemplo, a parte histórica, estrutural e celebrativa.

Este livro é apresentado em duas partes. Na primeira, analisaremos a proposta da conversão nos 4 domingos da Pré-Quaresma, levando em consideração os tropários que compõem a celebração de cada domingo e captando as principais sugestões e vivências espirituais propostas. Na segunda parte trataremos da conversão assim como ela é proposta na Grande Quaresma propriamente dita, analisando as suas principais características, as proposições contidas nas temáticas bíblicas primitivas, não deixando de contemplar a Cruz e os modelos de conversão propostos como caminhos certos e seguros a serem percorridos.

² Cf. ANDRONIKOF, C. *Il senso della Pasqua nella Liturgia Bizantina*. vol. I. Torino: ELLE DI CI, 1986, p. 90.

PARTE I

A CONVERSÃO NA PRÉ-QUARESMA

A pré-quaresma é um tempo preparatório. Os temas e a espiritualidade apresentados são direcionados a um fim bem preciso: preparar-nos para o Santo Jejum. As linhas fundamentais apresentadas neste período preparatório servirão de fundamento para o esforço posterior, que empenhará a todos, no decorrer da Grande Quaresma.

NO DOMINGO DO FARISEU E DO PUBLICANO³

A denominação deste domingo provém da passagem evangélica lida em Lc 18,10-14, na qual nos é narrada a atitude oposta de duas pessoas que se dirigiram ao Templo para rezar. O ensinamento extraído desta parábola é claro: a humildade é o princípio da conversão e se estamos iniciando o nosso processo de purificação, devemos iniciá-lo pela humildade.

Os dois modelos apresentados encontram-se no Templo, em oração, diante de Deus, perante o qual não há distinção de pessoas, onde todos são filhos de Deus, com iguais direitos e dignidade, e onde todos rezam no mesmo Espírito. Nestas condições jamais haverá espaços para o orgulho. Cientes dessa verdade, os autores litúrgicos exortam-nos: “Irmãos, não rezemos como o Fariseu, porque quem se exalta será humilhado. Por isso,

³ Na tradução dos textos para o português utilizei-me do ANTHOLOGHION (vol. II) publicado pela LIPA, da tradução francesa conduzida pelo Pe. Denis Guillaume e também de algumas traduções em língua ucraniana.

humilhemo-nos diante de Deus, clamando durante o jejum como o publicano: seja propício, ó Deus, a nós pecadores”.⁴ A humildade do publicano é exaltada quase em todos os tropários das celebrações, especialmente nos do cânon,⁵ pois é ela que *eleva e justifica, dispersa o acúmulo das paixões*; aos humildes o Senhor *concede a graça e é misericordioso*, ao passo que o orgulho conduz a uma *tremenda queda, devasta os tesouros da justiça*, porque Deus resiste aos orgulhosos e os humilha. Avaliando os dois modelos acima surge de imediato o apelo: “Vamos odiar, ó fiéis, o vanglorioso falar do fariseu e, imitando a oração contrita do publicano, não cultivemos sentimentos soberbos, mas humilhando-nos, gritemos contritos: Ó Deus, perdoai-nos os pecados”.⁶

Num outro texto, somos encorajados a seguir o exemplo do publicano: “Fujamos, ó fiéis, da vaidade e dos propósitos do fariseu e de seus títulos de pureza, seguindo justamente a humildade e os sentimentos do publicano que obtiveram a misericórdia”.⁷ Deus ouve os humildes e é misericordioso para com eles. No final do ofício das Matinas elevamos ao Senhor a seguinte oração:

Tu, Senhor, condenaste, o fariseu que justificava a si mesmo, vangloriando-se de suas obras e justificaste o publicano que sem vaidade implorava com gemidos a tua benevolência. Pois, Tu não aceitas pensamentos soberbos, mas também não desprezas os corações contritos. Também nós, portanto, lançamo-nos humildemente a teus

⁴ Vésperas, estrofe (= tropários da celebração das Vésperas intercalados entre os últimos versículos dos Salmos 141, 129 e 116).

⁵ Cf. Matinas: ode 1, ode 3, ode 6 e ode 8.

⁶ Matinas, estrofe do glória (= tropários intercalados pelos últimos versículos dos Salmos 149 e 150).

⁷ Matinas, ode 8.

*pés, e diante de ti que sofreste por nós clamamos: Concede-nos a remissão e a grande misericórdia.*⁸

Somente um coração humilde e consciente das suas fraquezas é disposto a pedir perdão e repetir as palavras do publicano: *Ó Deus, seja propício a mim pecador.*

NO DOMINGO DO FILHO PRÓDIGO

Neste domingo, além do tema da humildade, através da parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32), a Igreja oferece o endereço do Pai a todos os pecadores que, movidos pela graça, pretendem voltar à Sua casa. O tema é o do retorno e da tomada de consciência do seu estado de pecador. A conversão é um voltar ao seio paterno. Podemos afirmar que é uma tomada de consciência do valor único e verdadeiro: o Pai e o seu Reino. Essa atitude de retorno é inerente ao caminho da conversão. Considerando isso, podemos dizer que a parábola nos apresenta:

O primeiro ato do procedimento psicológico e espiritual da conversão. O filho, agora, “reentra em si mesmo”. Muito exatamente, volta-se para dentro de si mesmo, retoma o autocontrole, reentra do exterior para o interior de si, ‘heauton’, do mundo dos porcos dentro da própria pessoa, para o íntimo do coração...⁹

Essa concretização exige do Filho Pródigo uma atitude de amor filial como resposta ao apelo do coração. Necessariamente deve haver um retorno. Fazendo uso de uma outra afirmação de Andronikof, podemos complementar essa ideia dizendo que a conversão é a atitude de:

⁸ Matinas, estrofe do glória.

⁹ ANDRONIKOF, C. *Il senso*, p. 126.

Percorrer, em sentido contrário, a distância que separa o “país distante” da pátria, que é a dimensão do pecado. Na realidade, o pecado não é o “país distante”, o mundo: é o fato de ter abandonado completamente a própria casa, para viver de si, para si, e unicamente no mundo e por meio do mundo, vendo a própria substância como suficiente, enquanto esta se consome e sofre quando se permanece longe do doador de vida.¹⁰

Nesta perspectiva o voltar para a casa paterna é deixar de pecar, voltar a ser filho e fazer parte da família divina. O retorno, por sua vez, além de ser uma festa é também um “restabelecimento da dignidade original. A conversão é realmente o retorno à casa do Pai. O pecador arrependido e absolvido não recebe nenhum dom novo, mas, recupera a alegria e a glória que eram a sua herança antes da sua partida”¹¹. Os textos litúrgicos enfatizam a reconquista da filiação original quando dizem que “o Pai cheio de bondade vai ao encontro do filho dissoluto que, do pecado torna ao seio paterno, abraça-o, ajusta-lhe novamente os sinais distintivos da sua dignidade e, misticamente, faz festa com os seres celestes...”.¹² Estes *sinais distintivos* por ele recuperados são a dignidade anterior de filho.

Um outro conceito fortemente acentuado pelo Triódio é a tragédia do pecado. Distanciar-se do Pai é dissipar a riqueza divina recebida do Pai: “A divina riqueza que um tempo me deste, eu, de uma forma má, a dissipei, distanciei-me de ti, Ó Pai piedoso, vivendo como dissoluto: acolhe, portanto, também a mim convertido”.¹³ No mesmo cânon, novamente confessamos a nossa irresponsabilidade no uso das riquezas paternas quando dizemos: “Pai Celeste, a riqueza dos bens que me deste, eu a dissipei no mal, sujeitando-me a patrões estrangeiros, por isso a ti clamo: Pequei, acolhei-me como ao filho

¹⁰ ANDRONIKOF, C. *Il senso*, p. 127.

¹¹ *Ibidem*, p. 133.

¹² Vésperas, estrofe.

¹³ Matinas, ode 1.

pródigo, estendendo-me as tuas mãos”.¹⁴ E num outro cânon, novamente nós nos acusamos: “Pessimamente dissipei a riqueza paterna e tornei-me pobre, sinto-me envergonhado e escravo de pensamentos estéreis, por isso grito por socorro, amigo dos homens, sê piedoso comigo e salva-me”.¹⁵

Contudo os textos não permanecem somente na análise da tragédia do pecado e da nossa nudez. Eles apontam para o Pai Misericordioso que tem um coração bondoso e aberto para com todos. Os textos indicam-nos o Pai. Para Ele o importante é o retorno do filho e não a história pessoal ou as circunstâncias em que ele viveu e as obras que praticou. Na celebração das Matinas, ao Pai Misericordioso suplicamos: “As tuas vísceras paternas, Pai Celeste, abram a mim que me converto do mal e não me rejeites, porque superabundante é a tua misericórdia”.¹⁶ Num outro passo do mesmo cânon pedimos: “Abre, portanto, os Teus braços paternos e acolhe-me, Senhor, como ao filho pródigo, ó piedosíssimo, para que eu, agradecido, possa glorificar-te”.¹⁷ No toque efetuado por Deus, bem como na moção exercida pela graça não há espaço para o desespero, pois o Pai é fonte inexaurível de misericórdia.

O sinal visível do retorno à casa paterna é a alegria, a festa e a filiação compartilhada entre os membros da família divina. Isso demonstra que a conversão é uma ação muito importantes diante de Deus.

NO DOMINGO DA DISPENSA DA CARNE

Nos dois domingos precedentes, a Igreja nos preparou espiritualmente, mostrando a humildade como o princípio da conversão e o Pai como ponto de chegada. Neste domingo, além da preparação espiritual,

¹⁴ Matinas, ode 4.

¹⁵ Matinas, ode 6.

¹⁶ Matinas, ode 5.

¹⁷ Matinas, ode 1.

a Igreja nos permite a dispensa da carne, ou seja, este é o último dia em que a carne pode ser comida antes do jejum da Quaresma.

A leitura dominical tirada do Evangelho de Mateus (Mt 25,31-46) apresenta-nos a cena do último julgamento. Este tema é amplamente desenvolvido nos textos dos ofícios litúrgicos. Durante toda a semana somos conscientizados sobre a realidade que a todos os homens espera e da qual ninguém poderá fugir. Os textos litúrgicos não acentuam tanto o julgamento em si quanto o pavor diante da possível condenação. Tomando em consideração os textos litúrgicos desta semana preparatória à Grande Quaresma, Andronikof afirma:

A intenção pedagógica é aqui evidente. Essa consiste no fazer uso de um meio radical, como uma última tentativa psicológica antes que seja tarde demais, para endireitar a conduta dos homens, ou seja, inspirar-lhes “o medo do demônio”.¹⁸

A condenação ou a salvação acontecerão no último dia, mas o espanto e o pavor podem ser experimentados hoje. E esse *hoje litúrgico* propicia ao fiel a oportunidade de presenciar a cena do terrível julgamento e vivenciar todo o movimento que acontecerá neste temível dia. No final das Matinas estas cenas são expressas com as seguintes palavras:

Que tormento! Que dia tremendo será quando o Juiz irá sentar-se no seu temível trono! Os livros serão abertos, as ações submetidas ao julgamento e os segredos ocultos tornar-se-ão públicos; os anjos estarão atarefados para reunir todas as nações. Venham e ouçam: reis e príncipes, escravos e livres, pecadores e justos, ricos e pobres, porque vem o Senhor para julgar o universo; quem poderá resistir diante da sua face,

¹⁸ ANDRONIKOF, C., *Il senso*, p. 161.

*quando os anjos apresentarão ao julgamento as ações, os pensamentos e as intenções de cada dia e noite?”.*¹⁹

É a partir desse julgamento universal que o fiel começa confrontar a sua situação atual, perceber-se pecador e, diante da possível condenação, refletir: “Pensando sobre aquele terrível dia e gemendo sobre as minhas ações desonestas que defesa apresentarei ao Rei imortal? Poderei eu, um dissoluto, olhar confiante para o Juiz? Pai piedoso, Filho Unigênito, Espírito Santo, tenha piedade de mim”.²⁰ Os textos apresentam tanto a realidade e a certeza do julgamento como também incutem a certeza de que o Juiz será muito justo e dará a cada um segundo seus méritos:

*Imparcial é o teu julgamento e no teu tribunal nada ficará escondido; não poderá enganá-lo a força persuasiva da eloquência dos retóricos; não existirá o apoio de testemunhas para alterar a verdade, porque diante de ti, Deus, estão os segredos de todos.*²¹

Nesse tremendo momento caberá a cada um, pessoalmente, prestar as contas pelo dom da vida. Lá estaremos sós, “cada um na sua fila, monge e pontífice, velho e jovem, escravo e patrão serão examinados; viúva e virgem serão chamadas em julgamento. E ai de todos aqueles que não tiveram uma vida irrepreensível”.²² Naquele dia todos serão iguais. Todos, sem distinção de posição social, raça ou cor, serão julgados: “Lá estarão juntos príncipe e governante, pobre e rico. Ó alma minha! De nada servirá a ajuda do pai; também a mãe não poderá te ajudar, nem o irmão poderá te libertar da

¹⁹ Matinas, estrofe do glória.

²⁰ Matinas, ode 3.

²¹ Matinas, ode 4.

²² Matinas, ode 4.

condenação”.²³ Estaremos nós, sozinhos, diante de Deus com as obras que praticamos.

Podemos dizer que neste processo de conversão, pelo qual a Igreja nos conduz, é muito significativa a temática desenvolvida neste domingo, porque nos força a fazer uma opção radical pela vida e pelo bem.

Completando esta temática, vem ao nosso encontro a leitura evangélica dominical que nos conscientiza sobre o único critério do julgamento final: o Amor. Não um amor sentimental e abstrato, mas real e concreto, pois, “tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu, e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim” (Mt 25, 35-36). Diante desse critério o caminho quaresmal apresenta-se como uma oportunidade para crescer no amor ao próximo e através de boas ações demonstrar a nossa solidariedade para com a pessoa de Cristo que vem ao nosso encontro na pessoa do necessitado. Serão as obras de caridade que formarão o critério que medirá a qualidade e a sinceridade do nosso caminho quaresmal.

NO DOMINGO DA DISPENSA DOS LATICÍNIOS

Com este domingo concluímos a fase preparatória para a Grande Quaresma. Na Divina Liturgia lemos a passagem de Mateus (Mt 6,14-21), onde são apresentados os dois principais requisitos para a Grande Quaresma: o jejum, que deve ser sóbrio e oculto e o perdão – indispensável para recebermos o perdão de Deus. Os textos dos ofícios litúrgicos não desenvolvem esta temática, mas descrevem a cena da expulsão de Adão do Paraíso das delícias. Guiados pelos tropários, imaginamos Adão sentado diante do Paraíso perdido, chorando e lamentando-se por aquilo que fez. Essa cena representa tal qual a situação do homem que Jesus veio salvar: dominado pelo pecado, expulso do Paraíso e condenado a sofrimentos. A Grande Quaresma é proposta a nós como o caminho de retorno. Com a

²³ Matinas, ode 6.

Ressurreição o Paraíso é restaurado e todos aqueles que se deixaram purificar mediante o jejum, serão a Ele reconduzidos como herdeiros.

Voltando aos nossos textos litúrgicos, na situação de exilado, o homem sente-se despojado da graça, da beleza, da abundância do Paraíso, das suas delícias e se lamenta:

*Eu, infeliz, fui despojado da túnica tecida por Deus, porque desobedeci, Senhor, ao teu divino preceito, por sugestão do inimigo; e agora estou cingido de folhas de figo e de túnicas de pele: estou condenado a comer com suor o pão da fadiga e a terra foi amaldiçoada para produzir-me espinhos e abrolhos.*²⁴

Sentimo-nos envergonhados, porque perdemos a *túnica tecida por Deus*, a graça santificante, sem a qual o homem não consegue reconhecer a si mesmo e sente-se estranho.

Uma outra temática desenvolvida nos textos litúrgicos, bastante sugestiva para este tempo de preparação, é a indicação do porquê dessa condenação: a falta de jejum. No ofício das Matinas refletimos: “Adão foi expulso do paraíso das delícias por causa de um alimento amargo, não cumprindo o mandamento do Soberano, por causa da incontidência...”²⁵ E ainda no mesmo cânon, nós nos lamentamos: “No Éden pareceu-me doce o fruto do conhecimento, satisfazendo-me como comida, mas no final tornou-se fel. Ai de mim, miserável alma! Como pode a incontidência afastar-me da morada do paraíso?”²⁶ Foi a incontidência a causa da expulsão e será a continência que nos reconduzirá ao Paraíso: “Vamos amar a continência, pedimos no cânon, para não gemer como ele (Adão) estando fora do paraíso, mas ao contrário, para a ele retornar”.²⁷ Portanto, o retorno ao Paraíso e à

²⁴ Vésperas, estrofe.

²⁵ Matinas, ode 3.

²⁶ Matinas, ode 9.

²⁷ Matinas, ode 3.

condição filial original, tornar-se-á realidade quando percorrermos o caminho inverso àquele que de lá nos expulsou. Por isso, no final das Matinas, junto com os autores litúrgicos, refletimos: “[...] desejando, portanto, tornar-se habitantes do paraíso vamos nos destacar do alimento suntuoso e, desejando ver a Deus, vamos jejuar como Moisés por quarenta dias [...]”.²⁸

Neste último domingo de preparação, vemos como são significativas as suas sugestões. A Quaresma será o caminho que nos reconduzirá ao Paraíso e a continência será o meio indispensável para reparar a transgressão de Adão.

A graça de Deus transforma somente quando houver paz, concórdia e perdão. Por isso deveremos iniciar a viagem quaresmal reconciliados. E será, mais uma vez, a Santa Mãe Igreja a prever e possibilitar este perdão. No final da véspera desse domingo, após a recitação da oração de Santo Efrem²⁹, acompanhada pelas devidas prostrações, ela convida-nos, através do celebrante, como a irmãos e a filhos do mesmo Pai, a pedirmos o perdão mútuo. É o ato que nos introduz na Quaresma propriamente dita. Este ato de humildade, por mais simples que seja, é de suma importância que, por si só, caracteriza este domingo como Domingo do Perdão. Com isso, em paz e reconciliados entramos na Grande Quaresma.

Ao concluirmos este breve período da Pré-Quaresma, podemos dizer com Schmemmann que:

Toda a preparação chegou ao fim. Eu estou diante de Deus, diante da glória e da beleza do seu Reino. Tomo consciência de fazer parte do

²⁸ Matinas, estrofe do glória.

²⁹ *Senhor e Soberano da minha vida! Afastai de mim, o espírito da preguiça, da indiferença, da ambição e do vão falar. Concedei a teu servo o espírito da pureza, da humildade, da paciência e do amor. Sim, meu Senhor e meu Rei! Concedei-me de ver os meus pecados e não julgar o meu irmão, porque vós sois bendito para sempre. Amém*

mesmo, de não ter outra morada, nem outra alegria, nem outra meta; mas tomo consciência também de estar exilado, nas trevas e na tristeza do pecado, porque “estou aflito”. E, adentrando em mim mesmo, finalmente vejo que somente Deus pode vir em meu auxílio nesta aflição, somente ele pode “ocupar-se da minha alma”. O arrependimento é, além de tudo, um desesperado apelo ao auxílio de Deus”.³⁰

Nós nos descobrimos pecadores, mas sabemos o caminho por onde andar e a meta onde chegar. Temos a humildade como ponto de partida; o Pai, como meta; o julgamento final, como prova; o exílio, como nossa condição existencial e o perdão como condição imediata. É com estes sentimentos que iniciamos a Grande Quaresma.

³⁰ SCHMEMANN, A. *La Grande Quaresma*, p. 28.

PARTE II

A CONVERSÃO NA GRANDE QUARESMA

PRINCÍPIOS GERAIS

Somente na medida em que nos aprofundamos nesse caminho de conversão é que percebemos a sua complexidade. Ele é uma obra divina e ao mesmo tempo humana. Obra divina, enquanto ação do Senhor misericordioso e do seu infinito amor para com nós pecadores. Obra humana, porque requer esforços pessoais. Enquanto proveniente de Deus é um dom e, enquanto resultado do nosso empenho, é fruto. Sendo divina, é um convite; e enquanto humana, é uma resposta.

Mas esta resposta, este caminho de retorno ao Pai, torna-se agradável e possível, graças à intercessão de Maria Santíssima, dos Apóstolos e dos Mártires. Ou seja, ao mesmo tempo que a conversão é um convite e uma resposta, também é um caminho viabilizado por Aqueles que nos amam e esperam na nossa vitória.

Neste primeiro ponto, estes serão os aspectos que formarão o objeto da nossa reflexão: o Amor do Pai nos conduz, nós colaboramos com a graça e o céu intercede por nós, tornando a conversão um processo possível.

Conversão: ação divina

Já mencionamos anteriormente que a Quaresma é o tempo durante o qual o Senhor purifica a sua Igreja. E no Triódio essa ação divina é evidente.

É o Senhor que converte, que dá as lágrimas, que move o coração. Por isso, durante toda a Quaresma, na celebração matutina das Matinas dominical, após o Salmo 51, nós pedimos:

*Abri-me as portas do arrependimento, ó Doador de vida, reza de manhã o meu espírito no teu santo Templo, porque o templo do meu corpo está todo contaminado; mas tu, Generoso, purifica-me com a tua benevolente misericórdia.*³¹

É a graça de Deus que nos conduz pelos caminhos que levam ao Pai. As portas do arrependimento, a capacidade de converter-se e de transformar-se são uma dádiva divina. É o Pai que se inclina sobre a miséria dos seus filhos.

E essa ação divina não se refere somente ao ato de converter-se, mas também ao próprio tempo quaresmal e pré-quaresmal. Antes mesmo de iniciarmos a Grande Quaresma temos recorrido a Deus pedindo:

*Concede a nós, miseráveis, ó Cristo Deus, no teu inefável amor pelos homens, a graça de transcorrer na paz o período da purificação que precede os jejuns. Destrua as astutas armadilhas do inimigo e salva-nos a todos, ó Soberano, com a tua cruz, Tu, o único que conhece tudo aquilo que está nos corações.*³²

Igualmente os 40 dias de jejum são tidos como um tempo consagrado por Deus e a nós oferecido como meio de arrependimento. Rezamos no ofício das Matinas da primeira semana: “Venham povos, acolhamos hoje o

³¹ Domingo do Fariseu e do Publicano, Matinas, idiomela do Triódio que segue o Salmo 51.

³² Semana dos Laticínios, quarta-feira, Matinas, Sessionais.

dom do jejum como tempo de penitência dado por Deus...”.³³ A Quaresma é como que *programada* por Deus para que tenhamos a oportunidade de converter-se. Os 40 dias podem ser definidos como um *sacramento* durante o qual resgatamos a filiação divina. É o Amor que nos oferece não somente tudo o que é necessário para que este tempo seja proveitoso, mas também apresenta o caminho a percorrer. Por isso, nas Matinas, rezamos: “Ó tempo luminoso de continência, que hoje tens consagrado e doado a nós. Faça Senhor, que todos possamos transcorrê-lo puros na compunção, vivendo em paz pela força da cruz...”.³⁴ Na segunda semana, novamente no ofício das Matinas, sentimos a voz do próprio Senhor que nos lembra: “Atentos, atentos que eu sou o vosso Deus, eu que consagrei para vós, como primícia agradável a dezena dos dias do ano inteiro e dei-os ao meu povo como resgate das paixões, como princípio de salvação”.³⁵ Percebe-se, com quanto carinho estas palavras são postas nos lábios divinos. Deus oferece-nos como *primícia*, ou seja, aquilo que de melhor pode nos oferecer, um tempo especial, próprio e favorável para que nos seja possível o resgate das paixões e a salvação.

Se o tempo quaresmal e o ato de converter-se já são um dom, mais ainda o são os meios que possibilitarão esta purificação. As lágrimas, o jejum, a oração, o arrependimento, tudo é visto pelo Triódio como um dom de Deus.

Em muitos outros textos³⁶ é evidente esta gratuidade da ação divina. Quase em cada celebração agradecemos ao Senhor que, para o pecador, *estabeleceu a penitência* e pedimos para *que nos purifique com as chuvas do arrependimento* e faça que *resplandeçamos pelo jejum e pela oração*; que *conceda chuvas de lágrimas* a fim de que possamos *lavar a imundice das volúpias* e comparecer puros diante do Seu tribunal. Igualmente pedimos

³³ Primeira semana, segunda-feira, Matinas, ode 1.

³⁴ Primeira semana, quarta-feira, Matinas, Sessionais.

³⁵ Segunda semana, terça-feira, Matinas, ode 2.

³⁶ Cf. Primeira semana, quinta-feira, Matinas, ode 9; Domingo dos Laticínios, Vésperas, estrofe; primeira semana, segunda-feira, Vésperas, estrofe; primeira semana, quinta-feira, Matinas, Sessionais.

para que *Ele ilumine os nossos corações com a luz das virtudes e purifique-nos com o jejum*, concedendo-nos o arrependimento que nos leva à conversão. Na segunda semana, das profundezas da nossa miséria, imploramos: “Restitui-me a vida, ó Cristo, graças ao sincero jejum e ao arrependimento: imploro pela tua piedade; e concede-me de caminhar pelas vias retas e boas dos teus veneráveis mandamentos [...]”.³⁷ Nas mãos do Senhor está a vida e também estão os meios para restituí-la a nós. Diante dessa total dependência, nos resta afirmar que a conversão é realmente fruto da misericórdia divina.

Analisando o Triódio, constatamos que sem a ação divina o nosso jejum não somente não tem valor, mas é um suicídio ou uma loucura. Na miséria em que nos encontramos e com as nossas transgressões e vícios, nós tão somente podemos ser encontrados e salvos pelo Senhor, que nos *devolve a vida* através do jejum.³⁸

Conversão: ação humana

Como Igreja e como membros do Corpo Místico, caminhamos comunitariamente, mas a resposta no caminho de conversão é inteiramente pessoal. Quem se converte é a pessoa que reentrando em si, livremente, decide voltar. Deus convida-a e oferece-lhe as possibilidades, mas não a constringe. No Triódio essa resposta individual e livre é bastante acentuada. *As portas do arrependimento* estão abertas, abertos igualmente estão os *átrios da divina penitência*, mas precisamos dar o passo em direção a eles. Tomar a iniciativa. Por isso o Triódio insiste para que:

Entremos com prontidão, com o corpo purificado, abstendo-se dos alimentos e das paixões, oferecendo, quais súditos de Cristo, que chamou o mundo ao reino celeste, as décimas do ano inteiro ao Rei do

³⁷ Segunda semana, segunda-feira, Matinas, Sessionais.

³⁸ Segundo domingo da Grande Quaresma, Vésperas, estrofe.

universo, para poder também contemplar com amor a sua ressurreição.³⁹

No item anterior, vimos que Deus destina o tempo quaresmal para a nossa conversão e aqui é dito que a responsabilidade do êxito da Quaresma também pesa sobre nós. Somos convidados a responder e a oferecer a Deus *o dízimo do ano inteiro*. E diante da urgência desta resposta, o Triódio nos alerta: “Eis que, já está aberta, ó amigos de Deus, a porta da penitência: venham, portanto, apressemo-nos a entrar por essa, antes que Cristo a feche, diante da nossa indignidade”.⁴⁰ Não podemos esperar, porque “chegou, de fato, o início dos combates espirituais; deixemos o bem-estar da carne; façamos as graças da alma; soframos juntos como servos de Cristo, para sermos glorificados como filhos de Deus [...]”.⁴¹ Sem esse empenho pessoal, não participaremos da Páscoa divina que não vem do Egito, mas de Sião. Portanto, convidando-nos ao esforço, o Triódio exorta-nos a:

*Eliminar com a penitência o fermento do pecado..., cingir a nossa cintura com a mortificação dos prazeres..., tornar belos os pés com sandálias que nos afastam de todo mal caminho e a apoiar-nos ao bastão da fé....*⁴²

Não vamos, aqui, citar todos os textos que nos exortam a praticar na luz as obras da luz, a comportar-se decentemente, a quitar os débitos com o próximo, a renunciar ao bem-estar da carne, a alimentar os indigentes e tantos outros conselhos oportunos. Mas os citados acima são suficientes para

³⁹ Semana dos Laticínios, segunda-feira, Matinas, Sessionais.

⁴⁰ Semana dos Laticínios, segunda-feira, Matinas, ode 1.

⁴¹ Semana dos Laticínios, quarta-feira, Matinas, estrofes posteriores (=tropários cantados no final das Matinas, intercalados por versículos do Sl 89).

⁴¹ Primeira semana, quinta-feira, Vésperas, estrofes posteriores.

⁴² Cf. Quarto domingo, Matinas, estrofe do Glória.

indicar a importância e o peso do empenho pessoal neste caminho quaresmal.

Concluindo, notamos o quanto é exigente e fatigoso o caminho de retorno. Não é por vãos motivos, portanto, que o Triódio o equipara ao esforço e à dedicação dispensados ao cuidado que deve ser dado a uma videira.⁴³ A nossa existência é concebida como uma *videira mística*, onde somos convidados a produzir, não grãos de uva, mas *frutos de conversão*. E se o nosso trabalho agradar ao Senhor, receberemos o salário justo e as moedas indispensáveis, únicas em grado de resgatar as nossas almas do *débito do pecado*. Assim como a videira exige cuidados, poda, adubação, etc., do mesmo modo, a *videira mística* que somos nós, sobreviverá e produzirá frutos, se a ela dispensarmos esforço e dedicação.

Conversão: ação mediada

No caminho quaresmal não estamos sós. Temos *advogados* que diante de Deus intercedem e suplicam por nós. A força da intercessão está no fato que eles se deixaram transformar pela graça, foram deificados ainda em vida e hoje, na glória, intercedem por nós. No Triódio recorremos aos nossos grandes intercessores: Maria Santíssima - a Mãe de Deus, os Apóstolos e os Santos Mártires.

A. Intercessão de Maria Santíssima

A força da sua intercessão está no fato de ela ter gerado o *abismo de misericórdia*. Do seu seio nasceu o Salvador, motivo pelo qual recorremos a Ela com total confiança. Sendo a Mãe do Filho, ela jamais nos abandonará. Visto que durante toda a Quaresma, na celebração das Matinas dominical, recorremos a Cristo, pedindo a Ele que nos *abra a porta do arrependimento*, no mesmo momento recorremos também à Mãe de Deus, pedindo a Ela que

nos estabeleça “*no caminho da salvação*”. Temos a certeza de que sozinhos não conseguiremos dar esse passo em direção à *porta do arrependimento*, pois, “temos profanado a alma com vergonhosos pecados e dissipado a nossa vida na negligência. Mas pelas Tuas intercessões livra-nos de toda impureza”.⁴⁴ O Senhor oferece-nos o caminho a percorrer, contudo é por Maria Santíssima que nele somos encaminhados e direcionados.

Portanto, não é de se admirar que o Triódio trata a Mãe de Deus com tanto carinho, chamando-a de “*fervorosa advogada dos cristãos*”⁴⁵ e “*advogada de todos os suplicantes*”.⁴⁶ É do fato de Nossa Senhora ser também advogada que nasce a nossa inabalável confiança e certeza na sua intercessão.

Maria Santíssima, aliás, é mais do que advogada. Ela não somente defende a nossa causa, mas também absolve da condenação. A Mãe de Deus é fonte de misericórdia, por isso ousamos pedir-lhe, “que nos livre de toda maldade e terror do adversário e perdoe-nos os pecados por suas vísceras de misericórdia e graças as suas súplicas”.⁴⁷ Como tal, a ação da Virgem Maria une-se à ação purificadora de Cristo. No ofício das Matinas da segunda semana testemunhamos a profunda certeza do perdão Mariano com estas palavras: “Ó pura, ó imaculada e venerável Virgem Mãe, ó Mãe-de-Deus derrame abundantemente sobre nós a fonte da compaixão e dai-nos a remissão das culpas, pois és de fato, a nossa advogada e o nosso divino refúgio”.⁴⁸ Como Cristo, também Maria é fonte de compaixão. O seu coração materno jamais desprezará ou abandonará alguém que recorrer a Ela.

Sendo Mãe verdadeira, Nossa Senhora nunca negará ajuda e conforto a quem a Ela recorrer. Portanto, nas Matinas da primeira semana, como filhos necessitados, pedimos: “Não desprezes, ó Mãe de Deus, aqueles que têm necessidade da tua ajuda, porque em ti a minha alma tem confiado: tem

⁴⁴ Domingo do Fariseu e do Publicano, Matinas, idiomela do Triódio que segue o SI 51.

⁴⁵ Primeira semana, terça-feira, Matinas, Sessionais.

⁴⁶ Primeira semana, segunda-feira, Vésperas, estrofes posteriores.

⁴⁷ Primeira semana, terça-feira, Matinas, Sessionais.

⁴⁸ Segunda semana, quinta-feira, Matinas, Sessionais.

piedade de mim”.⁴⁹ Com igual confiança, na celebração das Vésperas da segunda semana, imploramos: “Jamais esqueças, ó Soberana, dos teus miseráveis, mas livra-nos com a tua intercessão da ameaça futura e do mal que nos domina; da ira do Senhor livra, os teus servos, ó Mãe de Deus”.⁵⁰ Pequenos e necessitados somos, porém, cientes de ter uma Mãe que, com as suas orações e com o seu poder diante do Senhor nos auxilia e nos orienta no caminho de conversão.

B. Intercessão dos Apóstolos

Junto à Virgem Maria procuramos misericórdia e perdão e junto aos Apóstolos procuramos iluminação e força para vencer as tentações e principalmente a graça para que o nosso jejum seja agradável a Deus e produza frutos. O Triódio⁵¹ chama-os *astros entre os filhos da terra; tesouros de erudita ciência divina* e também *verdadeira fortaleza dos filhos da terra e refúgio das nossas almas*. O poder de interceder provém do fato de eles possuírem “a força da familiaridade com Cristo, Deus nosso”.⁵² Eles são os eleitos, os escolhidos, aqueles que testemunharam e honraram com a vida a vocação de discípulos de Cristo.

Como já dissemos acima, junto aos Apóstolos procuramos a força e a coragem para não desanimar. Por isso, a perseverança será a grande virtude que procuramos conseguir deles, “para que possamos superar com facilidade o bom tempo dos jejuns, receber a graça da Trindade consubstancial”⁵³, e “exercitar em paz a mais radiosa das virtudes, a continência, que tem a sua

⁴⁹ Primeira semana, quinta-feira, Matinas, Sessionais.

⁵⁰ Segunda semana, segunda-feira, Vésperas, estrofes posteriores.

⁵¹ Cf. Segunda semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe; Primeira semana, quinta-feira, Matinas, Sessionais.

⁵¹ Primeira semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe.

⁵² Primeira semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe.

⁵³ Primeira semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe.

cidadania nos céus e assim poder produzir frutos de salvação”.⁵⁴ Somente através da continência conseguiremos tornar-se *cidadãos do céu*, portanto pedimos a graça de poder “transcorrer na compunção do coração todos os dias do jejum fornecedor de luz”.⁵⁵ Sem a perseverança não alcançaremos a meta, por isso *todos os dias* devem ser vividos *na compunção*. E será a intercessão dos Apóstolos a manter-nos firmes nos bons propósitos que tivemos no início da Quaresma.

C. Intercessão dos Mártires

Maria Santíssima intercede por ser a Mãe, os Apóstolos pela força da familiaridade com Deus e os Mártires pela força do sangue derramado. Sacrificando as suas vidas eles são exaltados no Triódio⁵⁶ como aqueles que *venceram o engano com a força da Cruz e receberam a graça da vida eterna; não temeram as ameaças dos tiranos e alegraram-se com os sofrimentos; perderam a vida, mas não negaram a Cristo e nem se distanciaram dos seus mandamentos*. Por causa da coragem e do testemunho o sangue deles não somente “tornou-se cura para as nossas almas”⁵⁷, mas também fonte de onde jorram graças indispensáveis, especialmente para vencer a luta contra as paixões. No sábado da segunda semana, acorrendo a essa fonte, pedimos: “o sangue do vosso martírio, ó mártires, suplica incessantemente por nós o Senhor: rogai, portanto, para que possamos também hoje fazer jejum das paixões desordenadas”.⁵⁸

No tempo quaresmal as armas mais eficazes usadas pelo inimigo é o desânimo e a descrença diante da conversão. Por isso continuamos a repetir:

⁵⁴ Primeira semana, quinta-feira, Matinas, Sessionais.

⁵⁵ Primeira semana, quinta-feira, Matinas, ode 9.

⁵⁶ Cf. Primeiro sábado, Matinas, estrofes posteriores; quarto domingo, Vésperas, estrofes posteriores.

⁵⁷ Primeira semana, quarta-feira, Matinas, estrofes posteriores.

⁵⁸ Segunda semana, sábado, Matinas, ode 6.

“Ó multidão dos mártires, vinde do céu, abençoai e santificai todos aqueles que vos prestam homenagem, para que possamos transcorrer de bom ânimo o tempo dos jejuns”⁵⁹.

Não vamos citar aqui tantos outros textos,⁶⁰ onde externamos as nossas súplicas elevadas aos Mártires, buscando através das intercessões deles a graça de vencer a luta do jejum e assim, dignamente, participar da alegria da Ressurreição.

Concluindo o tema das intercessões, constatamos que é necessário muito empenho e dedicação para que a conversão aconteça, mesmo que seja a conversão de uma só pessoa. Temos a impressão que o céu espera *impacientemente* por tais momentos de alegria. Aqui, tornam-se compreensíveis as palavras de Jesus, quando Ele disse que no céu há maior festa por um pecador que se converte, do que por 99 justos que não precisam de conversão (*cf.* Lc 15,7). Isso nos maravilha! O Senhor nos concede este tempo santo, dá-nos as graças indispensáveis e o céu *se mobiliza* para que esse tempo seja proveitoso. Nesta perspectiva podemos dizer que para um pecador que acreditar nessa proposta quaresmal e entregar-se a ela sem reservas, é quase impossível que a conversão não aconteça.

CONVERSÃO NAS PRIMORDIAIS TEMÁTICAS BÍBLICAS DOMINICAIS

Aprofundando-se no Triódio além de encontrarmos inúmeros tropários que celebram a Cruz e exortam-nos para as práticas quaresmais e à conversão, nós nos deparamos também com temas próprios de cada domingo. Geralmente são parábolas evangélicas que, apresentando modelos a serem seguidos, direcionam a nossa vivência quaresmal. Estas temáticas que no início do cristianismo faziam parte do conteúdo catequético

⁵⁹ Segunda semana, sábado, Matinas, ode 7.

⁶⁰ *Cf.* Terceira semana, quarta-feira, Matinas, ode 9; Domingo da Ortodoxia, Vésperas, estrofes posteriores; segundo sábado, Matinas, ode 9.

destinado aos catecúmenos,⁶¹ atualmente quase desapareceram do Triódio pelo fato de serem substituídas por celebrações transferidas do ciclo fixo⁶² as quais, segundo a normativa do cânon 51 do Concílio de Nicéia,⁶³ não podiam ser celebradas em dias normais de jejum. Também as festas da Adoração da Santa Cruz e do Domingo da Ortodoxia, tendo ocupado seus espaços nas celebrações dominicais, contribuíram para a quase supressão das temáticas originais. Nas poucas vezes que estes temas bíblicos aparecem no Triódio, deixam transparecer o seu profundo e significativo ensinamento, exortando-nos a viver profundamente o tempo penitencial.

Na temática dos profetas Moisés, Aarão e Samuel

A memória destes profetas é lembrada no primeiro domingo da Grande Quaresma. No século IX,⁶⁴ quando foi introduzida a festa da Ortodoxia na qual celebrava-se a vitória da ortodoxia sobre os iconoclastas, a temática que fala sobre os profetas do Antigo Testamento quase não deixou vestígios. Toda a celebração dominical foi preenchida com tropários que enaltecem os ícones e a importância da vitória da Igreja de Cristo sobre os iconoclastas. Todavia, nas poucas vezes que aparece em alguns hinos litúrgicos, propõe-nos o sentido primitivo do caminho quaresmal. Foram eles, os Profetas, que iniciaram o *caminho pelo deserto* da fé. Vemos neles,

⁶¹ Cf. SKAF, A. *La formazione del Typikon Liturgico* (manuscrito). Roma: PIO, anno accademico 1991-1992, p. 55.

⁶² Ciclo fixo – festas do ano Litúrgico Bizantino, sejam do Nosso Senhor, da Mãe de Deus, dos anjos ou Santos, com data fixa – não variável. A oficiatura destas festas encontra-se no livro chamado *Minea*, que comporta 12 volumes, um volume para cada mês do ano eclesiástico que se inicia no dia 1º de setembro.

⁶³ “Durante a Quaresma, não pode ser feita a comemoração de mártires, exceto no sábado e no domingo”. Citado em THEODOROU, E. *Le sens, l'esprit, la méthode du triode*, in *La Liturgie – son sens, son esprit, sa méthode*. Roma: BEL subsidia 27, ed. Liturgiques, 1982, p. 311.

⁶⁴ Cf. THEODOROU, E., *Le sens*, p. 307-308.

especialmente em Moisés, os defensores do verdadeiro culto agradável a Deus e exemplos do frutuoso jejum.

Num tropário da celebração das Vésperas de sábado, permanece o sentido profundo que possuía essa comemoração. A grandeza dos profetas está no fato de que formam eles que, inspirados por Deus:

*Anunciaram a Ti com a palavra e honraram com obras, recolheram o fruto da vida infinita, tendo de fato preservado, ó Soberano, no desprezo ao culto da criatura, para servir a Ti, criador, abandonaram o mundo segundo o ensinamento do Evangelho e configuraram-se à Tua paixão que haviam preanunciado. Por intercessão de suas orações, torna-nos dignos de afrontar irrepreensivelmente o tempo da continência, único misericordiosíssimo.*⁶⁵

Eles não conheceram o Evangelho, contudo são lembrados porque viveram segundo seus princípios e combateram o culto dos ídolos. Somente ao Senhor, Deus único e verdadeiro, é que podemos oferecer sacrifícios.

Moisés, como já dissemos acima, é apresentado como modelo de jejum frutuoso. Foi graças à purificação alcançada mediante o jejum de 40 dias, que ele “*contemplou aquele a quem amava...*”.⁶⁶ E o ensinamento é lógico:

*[...] também, tu, miserável alma minha, imitando-o, procure te purificar dos teus vícios nestes dias de continência, para que possas contemplar o Senhor, que é bom e amigo dos homens, que te concede a remissão dos pecados, o perdão e a redenção.*⁶⁷

⁶⁵ Domingo da Ortodoxia, estrofes.

⁶⁶ Domingo da Ortodoxia, Vésperas do Domingo, estrofes.

⁶⁷ Domingo da Ortodoxia, Vésperas do domingo, estrofe.

Somente um coração purificado, neste caso pela continência, contemplará o Senhor Ressuscitado, que a todos concede a remissão das culpas, o perdão e a redenção. No final do cânon das Matinas dominicais, lembrando-nos as principais motivações para fazer bem o jejum, o tropário do glória nos exorta: “Moisés, no tempo da continência, recebeu a Lei e conquistou o povo; Elias, jejuando fechou os céus; os três jovens da estirpe de Abraão, com o jejum, venceram um tirano injusto”.⁶⁸ Demonstrando a força do jejum, este tropário nos convida a percorrer, com a mesma determinação e coragem, o tempo especialmente dedicado à penitência, vencendo os *tiranos* da nossa alma e buscando a purificação que nos permitirá contemplar o Senhor na glória de sua Ressurreição.

Na temática do Filho Pródigo

A temática desta parábola, como já temos acenado acima, fazia parte do conteúdo catequético destinado aos catecúmenos para o segundo domingo da Grande Quaresma. Mas, assim como aconteceu com a temática do primeiro domingo da Quaresma, também essa, após o século XIV, quando foi introduzida a festa de São Gregório Palamas,⁶⁹ quase foi absorvida pelos tropários da nova temática que enaltecem a figura do grande teólogo São Gregório.

Na estrutura atual da Grande Quaresma, essa temática é amplamente desenvolvida no segundo domingo pré-quaresmal, através da qual, a Igreja nos convida a retornar ao seio paterno. No segundo domingo da Grande Quaresma, ela é enfocada de maneira nova, pois nós não estamos mais recebendo o convite para retornar, mas já estamos a caminho em direção ao Pai. Cientes desse caminhar e, mais ainda, conscientes da nossa situação de pecadores, pedimos na celebração das Matinas dominical:

⁶⁸ Domingo da Ortodoxia, Matinas, estrofe do glória.

⁶⁹ Cf. THEODOROU, E., *Le sens*, p. 308.

*Na tua piedade acolhe-me, ó Salvador, enquanto me aproximo com fé, como outrora o filho pródigo e concede-me a libertação dos meus males, ó Cristo: torna-me digno de recuperar através da pureza a beleza primogênita, celebrando, ó Salvador, a tua inefável compaixão.*⁷⁰

Acorremos ao Pai, envergonhados daquilo que fizemos: “amei uma vida estéril e com isso servi a patrões estrangeiros”,⁷¹ e “torpemente esbanjei todo o meu patrimônio com as meretrizes”.⁷² É, propriamente, a vergonha que o faz sentir-se indigno de ser chamado filho e de não ousar levantar os olhos ao céu. É este sentimento que o conduz a uma sincera confissão:

*Apresento-me sozinho diante de Ti, não necessito nem de acusadores, nem de testemunhas: a minha devassidão, ei-la em triunfo, a minha conduta perversa está exposta publicamente para a minha infâmia, a minha nudez está aqui para me confundir, e os trapos com os quais tenho me cingido me envergonham. Pai piedoso, Filho Unigênito, Espírito Santo: acolhe-me arrependido e tem piedade de mim.*⁷³

Interessante, que neste domingo, os textos litúrgicos não apresentam o filho pródigo como alguém com saudades da casa do Pai ou faminto de pão que lá abunda, mas é apresentado como alguém que é consumido pela “fome de virtudes divinas”⁷⁴ e “de boas ações”,⁷⁵ alguém “envergonhado das transgressões e despido da graça divina [...]”.⁷⁶ O filho pródigo não se sente

⁷⁰ Segundo domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 1.

⁷¹ Segundo domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 4.

⁷² Terceira semana, segunda-feira, Vésperas, estrofe.

⁷³ Terceira semana, terça-feira, Matinas, estrofes posteriores.

⁷⁴ Segundo domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 4.

⁷⁵ Terceira semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe.

⁷⁶ Ibidem.

miserável materialmente, mas “pobre de obras divinas”.⁷⁷ É o pecador que ao retornar, sente fome de virtudes e de boas ações, ao invés da fome de pão. Deseja recuperar o tempo desperdiçado e enriquecer-se em Deus.

Neste sentido, podemos dizer que o enfoque dado à parábola, diferencia-se daquele próprio do domingo preparatório à Grande Quaresma. Mas em ambas as reflexões o ponto de chegada é o Pai sempre misericordioso, que corre ao encontro dos filhos pródigos, não os despreza, abraça-os, acolhe-os e aceita-os novamente como filhos.

Na temática do Fariseu e do Publicano

A temática dessa parábola, praticamente foi sufocada pela festa da Adoração da Santa Cruz, celebrada no terceiro domingo da Grande Quaresma. Aparece em pouquíssimos tropários⁷⁸ e não apresenta nenhum enfoque diferente daquele já amplamente desenvolvido no primeiro domingo preparatório à Grande Quaresma.⁷⁹ A atitude do Fariseu é apresentada como aquela da qual devemos fugir, porque deixou-se *vencer pela vanglória*, tornou-se *abominável*, pecou ao julgar o próximo e não foi justificado. Enquanto o Publicano, *rezando em silêncio, humilde*, com o coração contrito, recebeu a justificação, pois, “Cristo, de fato, prometeu dar a graça aos humildes, no seu amor para com os homens”.⁸⁰

A humildade, além de estar no início de cada conversão, também é indispensável no processo que a segue. O convite à conversão feito por Deus não consegue chegar ao coração orgulhoso e a graça não encontra condições favoráveis para agir e transformar a pessoa orgulhosa que deseja atravessar a *porta do arrependimento* aberta pelo Senhor misericordioso.

⁷⁷ Terceira semana, segunda-feira, Vésperas, estrofe.

⁷⁸ Cf. Quarta semana, segundas-feiras e quartas-feiras, Vésperas.

⁷⁹ Cf. Primeiro capítulo, p. 4-6.

⁸⁰ Quarta semana, segunda-feira, Vésperas, estrofes posteriores.

Na temática do Bom Samaritano

Como aconteceu com os outros temas evangélicos dominicais, também este do Bom Samaritano quase foi suprimido, pois, o espaço que a ele era reservado, foi tomado pela celebração da festa de São João Clímaco no séc. XIV⁸¹. Todavia, nas vezes que aparece no decorrer da semana, mostra claramente a sua proposta quaresmal: caímos na armadilha das paixões, do pecado e remédio algum pode curar-nos, resta somente a bondade e o amor de Cristo Bom Samaritano.

O *partir de Jerusalém a Jericó* é relacionado com o nosso distanciamento de Deus, com a nossa entrega às paixões, aos desejos da carne e representa a fuga dos preceitos divinos.

Na celebração das Vésperas da sexta-feira nós nos acusamos: “Saindo fora dos teus divinos mandamentos, como quem sai de Jerusalém e descendo em direção das paixões de Jericó, eu, arrastado pelo falso esplendor das preocupações da vida, caí na emboscada dos ladrões...”.⁸² Nas Matinas da quarta-feira expressando sentimentos semelhantes, rezamos:

*Tendo deixado o cume das virtudes, alma minha, desceste ao abismo do pecado e caíste nos laços de bandidos malvados; cheia de chagas malcheirosas jazes abandonada e sem auxílio, grita, portanto, a Cristo Deus, que por ti foi crucificado e aceitou voluntariamente as feridas: toma cuidado de mim, ó Salvador e salva-me.*⁸³

Estes pensamentos são assaz significantes para este tempo de conversão. Os pecados e os vícios atacam-nos e nós, feridos, fazemos

⁸¹ Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 308-309.

⁸² Quinta semana, sexta-feira, Vésperas, estrofe.

⁸³ Quinta semana, quarta-feira, Matinas, estrofes posteriores.

semimortos. E dos tropários percebemos que, depois destes ataques, conseguimos levantar somente com a ajuda do Bom Samaritano.

Do Triódio resulta que os assaltantes que nos atacam e deixam semimortos estão dentro de nós. São os nossos pensamentos, as paixões e a desobediência.

No ofício das Matinas da quinta-feira esta realidade é expressa com esta estrofe:

*Eu, miserável, fui ferido por pensamentos predadores, e permaneci semimorto, Senhor.... Por isso, entre dores tremendas, com humildade de coração a ti clamo: ó Cristo Deus, na tua amorosa compaixão, derrama sobre mim a tua grande misericórdia.*⁸⁴

Tudo isso acontece porque o distanciamento de *Jerusalém* é consciente. O homem que caiu na cilada dos ladrões não sabia daquilo que o estava esperando, mas nós sabemos. Grande é a nossa maldade, mas a misericórdia de Cristo a supera.

A situação de estar semimorto, coberto de chagas dolorosas, abandonado etc., nos tropários é relacionada à nudez de virtudes, de boas ações, da perda da filiação e da graça. Na celebração das Vésperas da quinta-feira lamentando-se, dizemos: “por causa da minha livre escolha fui despido do esplendor das virtudes, com a minha primeira transgressão...”.⁸⁵ E do outro lado, o retorno à vida, à paz e o recobrar da graça santificante é visto como um revestir-se, graças ao encontro amoroso com o Senhor, pois, “... novamente fui revestido graças à tua condescendência para comigo, ó Verbo de Deus...”.⁸⁶ Este *revestimento* e a cicatrização das chagas é realizado com um remédio único, “...derramando voluntariamente sangue e água de salvação do seu costado, ó Cristo Deus, as fizeste filtrar como óleo, fechando

⁸⁴ Quinta semana, quarta-feira, Matinas, estrofes posteriores.

⁸⁵ Quinta semana, quinta-feira, Vésperas, estrofe.

⁸⁶ Quinta semana, quinta-feira, Vésperas, estrofe.

as cicatrizes das minhas chagas”.⁸⁷ Uma cura que não deixa cicatrizes, que renova totalmente e eternamente, pois acontecendo a cura, o sangue e a água jorradados do costado nos unem ao coro celeste.⁸⁸

Nesta Parábola, vemos o quanto somos objeto da misericórdia divina. O Senhor é o único capaz de sanar as nossas chagas espirituais. Às vezes, as chagas são tamanhas que nos deixam sem forças para gritar e pedir ajuda e Ele, tomando a iniciativa, vem ao nosso encontro. Essas reflexões são riquíssimas para o tempo de conversão. Este não somente é a nós consagrado, mas o Bom Samaritano, pela sua iniciativa própria, vem ao nosso encontro.

Na temática do Rico Epulão e do Pobre Lázaro

Na última semana da Grande Quaresma, além de nos preparar para a ressurreição de Lázaro e à entrada solene de Jesus a Jerusalém, os textos litúrgicos fazem-nos refletir sobre a parábola do Rico Epulão e do Pobre Lázaro. Este tema era objeto da celebração desse domingo antes do século XI, quando foi introduzida a festa de Santa Maria Egípcia.⁸⁹

Para nós, neste caminho de conversão, é de grande valor a proposta quaresmal apresentada pelos tropários que desenvolvem o tema desta parábola. Eu me sinto rico, insensível às dores da minha consciência, da minha alma que deseja a conversão. No ofício das Vésperas da segunda-feira, nós nos acusamos:

Seguindo estultamente o rico cruel, eu me entrego de boa vontade às festas, afundando-me em prazeres e paixões; e vendo a minha razão que, como um Lázaro, Senhor, permanecia continuamente deitada diante das portas do arrependimento, eu passava, insensível, deixando-a faminta, enferma e coberta de chagas das paixões; sou, portanto, digno

⁸⁷ Quinta semana, sexta-feira, Vésperas, estrofe.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*.

⁸⁹ Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 309.

*da condenação ao fogo do inferno: livra-me deste, ó Soberano, único misericordiosíssimo.*⁹⁰

Em outras palavras, os tropários nos fazem refletir sobre a nossa responsabilidade diante da Quaresma que já está por terminar. Somente uma semana nos separa da Semana Santa e nós continuamos insensíveis aos apelos divinos. Por isso, nas Vésperas da quarta-feira, novamente nós nos acusamos:

*Sou rico de paixões e revestido de hipocrisia, banqueteio-me entre vícios da incontidência; dando provas de suma crueldade, eu transuro a razão, que deitada diante do portão da penitência, jaz faminta de todo bem e, enferma por causa da minha negligência.*⁹¹

Estas palavras nos levam a fazer um acurado exame de consciência diante da Quaresma que está prestes a se concluir.

Os textos não permanecem somente na acusação. Nunca é tarde para conseguir a misericórdia. O coração de Deus sempre está aberto e voltado para a nossa miséria. Ao mesmo tempo que pedimos ao Senhor que faça de nós “*um Lázaro pobre de pecados*”, também nos dirigimos à Sua misericórdia pedindo para que nos livre da

*[...] cupidez desgraçada e junto ao pobre Lázaro aceita-nos, Salvador, no seio de Abraão: porque tu és rico de misericórdia e por nós, voluntariamente, te fizeste pobre e tiraste-nos da corrupção para a incorruptibilidade, como Deus compassivo e amigo dos homens.*⁹²

⁹⁰ Sexta semana, segunda-feira, Vésperas, estrofe.

⁹¹ Sexta semana, quarta-feira, Vésperas, estrofe.

⁹² *Ibidem.*

Concluindo a parte das temáticas bíblicas próprias de cada domingo vemos o quanto profundas e significativas são as sugestões quaresmais propostas por cada um dos temas refletidos. Igualmente notamos as profundas mudanças evolutivas sofridas pelo Triódio. Elas, porém, não trouxeram mudanças intrínsecas ou radicais, pois, o mistério celebrado continua o mesmo. Falando sobre essas mudanças, Theodorou diz que:

A instituição destas festas não é um capricho da Igreja, mas tem fundamento em profundas razões cristológicas. A evolução do Triódio demonstra o enriquecimento e uma abertura, que, do ponto de vista teológico, não sofreu mudanças, pois, o mistério pascal (cristocêntrico) permanece.⁹³

Cristo, a sua mensagem e a sua Pessoa misericordiosa permanecem. Ele continua agindo, seja através do Evangelho lido e meditado, seja através do Evangelho vivido, encarnado nas vidas dos Santos comemorados.

ADORAÇÃO DA SANTA CRUZ: CENTRO DA CAMINHADA QUARESMAI

Com a festa da adoração da Santa Cruz,⁹⁴ nós nos encontramos na metade do caminho quaresmal. Schmemmann vê a cruz como um *marco*, a partir do qual a caminhada quaresmal ganha um novo sentido. Ele escreve:

⁹³ THEODOROU, E. *Le sens*, p. 311.

⁹⁴ Festa Constantinopolitana, introduzida neste terceiro domingo, para comemorar o transferimento de uma relíquia da verdadeira Cruz de Cristo de Apanéia, da Síria, para a capital do império Bizantino no séc. VI. Cf. HALLIT, J. La croix dans le rite byzantin – Historie et théologie, *In: Parole de l'Orient* 3, 1972, p. 299-301.

Antes do Domingo da Cruz a Igreja convida-nos a concentrar a nossa atenção sobre nós mesmos, a lutar contra a carne e contra as paixões, contra o mal e todos os outros pecados. Mas, mesmo fazendo isso, somos constantemente convidados a olhar adiante, a medir e a motivar o nosso esforço com “alguma coisa melhor”, preparada para nós. Porque, a partir do Domingo da Cruz, é o mistério dos sofrimentos de Cristo, da sua cruz e da sua morte que se tornam o centro da celebração quaresmal. A vivência desse mistério torna-se a “subida para Jerusalém”.⁹⁵

Esta posição de Schmemmann, tem o seu valor, se bem que nos textos do Triódio, ela não é tão clara e visível, pois, este continua convidando-nos à conversão e à ascese através dos temas semanais próprios e dos exemplos de conversão apresentados. A subida a Jerusalém é acentuada somente na última semana da Quaresma.

Estamos diante da Cruz, diante do lenho de onde, como de uma fonte, jorrou para nós a salvação eterna. E no momento em que a adoramos e veneramos, ela torna-se para nós fonte de renovação e forças para prosseguirmos, revigorados, no empenho quaresmal.

A grandeza desta festa está no seu valor simbólico. O Lenho Santo nos é apresentado na metade da Quaresma em contraposição à árvore da perdição que estava no centro do paraíso. A primeira *árvore* simbolizou o pecado e a segunda simboliza a vitória sobre o mesmo. A primeira foi a causa da expulsão do Paraíso e a segunda nos introduziu nele. Bonnet desenvolve o simbolismo da Cruz como *centro*, dizendo:

A Cruz fixada no centro da terra, é a mesma que se encontra no centro da Quaresma, para nos preparar à Paixão que aconteceu à hora sexta, ou seja, ao meio dia, mas também para chamar os fiéis a fim de se

⁹⁵ SCHMEMANN, A. *La grande Quaresima*, p. 91-92.

reunirem para venerá-la, pois, Cristo foi crucificado voluntariamente no centro do mundo para reunir os homens dispersos...⁹⁶

O mesmo simbolismo é desenvolvido pelo Triódio. Na quarta-feira nós nos dirigimos ao Crucificado: “*No meio da terra sofreste a paixão e a cruz, ó Piedoso, para dar a todos a impassibilidade e a redenção. Por isso, hoje, todos nós, na metade do tempo do jejum, expomo-la à veneração e alegremente a saudamos...*”.⁹⁷ Para os hebreus, Jerusalém era considerada o centro do mundo,⁹⁸ a cidade santa no centro da qual estava o templo, onde permanecia a *Shekinah*, a presença da Glória divina. Esta é a razão porque o Triódio diz que Cristo sofreu a Paixão no centro da terra.

Outro simbolismo dessa festa é o convite feito aos fiéis para realizar a sua própria *crucifixão espiritual*. A Cruz de Cristo convida-nos a tomar a nossa própria cruz, a jejuar, a vencer as paixões, os desejos da carne, a elevar-se até Deus na oração e na contemplação, a seguir a Jesus Cristo a fim de sermos com Ele, crucificados e finalmente ressuscitarmos com Ele. Toda virtude, todo esforço quaresmal é uma maneira de carregar a sua própria cruz. O tomar a sua cruz torna-se um modo acessível a todos os cristãos de participar da Paixão de Cristo. E justamente, por causa dessa espiritualidade *participativa* na paixão de Cristo, que:

[...] o Triódio se limita à “cruz horizontal”, à crucifixão dos desejos da carne pela renúncia, pelo jejum, pelas lágrimas, etc. Aliás estas virtudes são desde já a participação autêntica na Paixão de Cristo, de tal modo que os cristãos durante a Quaresma, pelos sofrimentos voluntários da

⁹⁶ BONNET, G. Le mystère de la Croix dans le carême orthodoxe. *In: Irénikon* 52. 1979, p. 202. Essa temática também é abordada em BORNERT, R. La célébration de la Sainte croix dans le rite Byzantin. *In: La Maison Dieu* 75. 1963, p. 100.

⁹⁷ Quarta semana, terça-feira, Vésperas, estrofe.

⁹⁸ Cf. BONNET G. *Le mystère*, p. 200.

ascese e pela luta obstinada contra os prazeres, “completam em sua carne aquilo que falta às tribulações de Cristo” (Cl 1,24).⁹⁹

Essa maneira de relacionar os nossos sofrimentos com os sofrimentos de Cristo, também encontramos no Triódio. No ofício das Matinas da quarta-feira, no tropário do cânon, dizemos: “Na metade do tempo dos jejuns, o venerabilíssimo lenho convoca todos à adoração, todos aqueles que carregam dignamente os seus próprios sofrimentos junto com os sofrimentos de Cristo”.¹⁰⁰ Os sofrimentos de Cristo formaram parte inerente da redenção, também os nossos são necessários na via purgativa. Toda cruz comporta exigências.

Nos textos litúrgicos, a Cruz jamais é vista como instrumento de sofrimentos, de castigo ou de condenação, mas como sinal de alegria e de vitória. Na celebração das Vésperas da segunda-feira, procurando palavras adequadas para caracterizá-la, dizemos:

*Venerando hoje a Cruz, todos aclamemos: salve, árvore da vida; salve, santo cetro de Cristo; salve, glória celeste dos mortais; salve, glória dos príncipes; salve, força da fé; salve, arma invencível; salve, tu que espantas os inimigos; salve, brilhante esplendor, salvação do mundo; salve, grande coroa dos mártires; salve, vigor dos justos; salve, fulgor dos anjos; salve, ó venerabilíssima.*¹⁰¹

Não encontramos sequer uma palavra que conote dor ou sofrimento. A Cruz é a nossa glória e a nossa salvação. Ela também é a força de todo ato de fé, estímulo, arma defensiva e, ao mesmo tempo, recompensa para todos que lutam. Ela é invencível.

⁹⁹ BONNET, G. *Le mystère*, p. 211.

¹⁰⁰ Quarta semana, quarta-feira, Matinas, ode 9.

¹⁰¹ Quarta semana, segunda-feira, Vésperas, estrofe.

No caminho quaresmal, como já vimos acima, a Cruz também é apresentada como um reforço quaresmal e como um sustento para o nosso esforço espiritual. Escreve Schmemmann, que “*se o esforço físico e espiritual foi sério e mantido, começa a fazer-se sentido. O seu peso torna-se mais molesto e a fadiga mais evidente*”.¹⁰² Em meio às fadigas é fácil parar e desanimar. A Cruz, portanto, e a redenção por ela alcançada, são para nós estímulos para continuar a lutar. No ofício das Matinas da quarta-feira, rezamos:

*Com a alma resplendente pela continência, veneremos a cruz salvadora sobre a qual Cristo foi pregado e aclamemo-la dizendo: Salve, delícia de quem jejua e auxílio seguro; salve destruidora de paixões, adversária dos demônios; salve árvore bem-aventurada.*¹⁰³

No ofício das Vésperas desse mesmo dia, complementando o sentido quaresmal conferido à Cruz, dizemos:

*Com os sentidos da alma purificados pelas lágrimas e lavados pelo jejum, vinde e veneremos o lenho da cruz graças ao qual são aniquilados com a continência os sobressaltos da carne que corrompem a alma, e gritemos ao crucificado: torna-nos dignos, ó Salvador, de venerar o fulgor da tua ressurreição no terceiro dia.*¹⁰⁴

Prosseguindo na análise, percebemos que no Triódio a Cruz também é vista como uma benção, como algo que santifica não somente aqueles que a veneram, mas a sua simples presença confere qualidade e santificação ao

¹⁰² SCHMEMANN, A. *La Grande Quaresima*, p. 82.

¹⁰³ Quarta semana, terça-feira, Matinas, Sessionais.

¹⁰⁴ Quarta semana, terça-feira, Vésperas, estrofe.

¹⁰³ Quarta semana, quarta-feira, Matinas, Sessionais.

¹⁰⁴ Quarta semana, sexta-feira, Matinas, Sessionais.

tempo quaresmal. As Matinas da quarta-feira, lembra-nos que, justamente, “A divina e augustíssima cruz é exposta à adoração para santificar o divino tempo de continência”.¹⁰⁵ Na sexta-feira, o ofício das Matinas, repete:

*Para santificar o tempo da continência nos é mostrada a cruz venerabilíssima; venerando-a hoje, exclamamos: Ó Soberano amigo dos homens, concede-nos a tua graça, para que possamos atravessar na compunção os dias de jejum que restam e participar da tua paixão vivificante pela qual fomos redimidos.*¹⁰⁶

A cruz, santificando o tempo quaresmal, santifica também a nós e nos auxilia na caminhada penitencial. Precisamos venerá-la com os olhos voltados para o Calvário, contemplando a Paixão e o sacrifício que nos redimiu. Sem essa dimensão espiritual a festa da Adoração da Santa Cruz seria privada do seu profundo sentido, pois no Calvário, unindo-nos a Cristo, é que seremos convidados a concretizar a nossa *crucifixão espiritual*.

A partir destes textos vemos o quanto é sugestiva para esse tempo de conversão a celebração da Santa Cruz. Nela adoramos a Cristo crucificado, O glorificamos pela salvação e nela buscamos forças para carregar, com perseverança, a nossa cruz quaresmal e crucificar a si mesmos com Cristo para podermos com Ele ressuscitar.

MODELOS DE CONVERSÃO

A razão pela qual a memória dos Mártires e dos Santos é celebrada somente nos sábados e domingos durante a Grande Quaresma, como já

¹⁰⁵ Quarta semana, sexta-feira, Matinas, Sessionais.

acenam os acima,¹⁰⁷ foi a disposição do cânon 51 do Concílio de Nicéia. A alegria da festa era incompatível com a vivência do jejum, por isso, as festas eram somente permitidas nos sábados e domingos.

Certamente, nos inícios, tais festas tinham somente um escopo comemorativo e celebrativo. Na medida em que os tropários festivos iam sendo compostos, os Mártires e Santos eram apresentados como intercessores e modelos a serem seguidos. Suas vidas não somente eram celebradas, mas passaram a nos indicar o caminho seguro a percorrer, seja aquele do Amor, como também o caminho da fé, da oração, da ascese, do jejum e, finalmente, o caminho da conversão. Suas vidas se impõem pela força do testemunho que deram e para nós são como livros abertos nos quais encontramos indicações e conselhos precisos a seguir no caminho de conversão.

Portanto, nesta última parte deste capítulo tentaremos ver como tais exemplos são vistos e apresentados no Triódio. Com quais motivações este nos convida a admirar as suas virtudes e ações e, ao mesmo tempo, como nos encoraja a seguirmos o caminho por eles percorrido, certificando-nos de que ele, seguramente, nos portará ao Pai e também nós, trilhando o mesmo caminho, participaremos da glória dos eleitos.

Os Santos Teóforos

À comemoração dos Santos Teóforos (= portadores de Deus) é dedicado o Sábado de Abstinência dos laticínios. No último dia de preparação para a Grande Quaresma a Igreja apresenta-nos todos aqueles que combateram o bom combate e saíram vencedores. Os tropários da celebração das Vésperas os chamam de *luminárias das nossas almas; guias, Padres Santos* que nos ensinaram a *caminhar pelo caminho da verdade*. Suas vidas lembram-nos o *grande Paraíso das Delícias*. Como habitantes do Paraíso eles são comparados às *árvores que foram plantadas por Deus e que*

¹⁰⁷ Cf. nota 62.

produziram frutos incorruptíveis e os oferecem a Cristo como alimento capaz de saciar as nossas almas.¹⁰⁸

Eles, sendo habitantes da terra, conseguiram *povoar o deserto*. Entre os monges eles são os *primeiros*. Sendo mestres de vida espiritual, eles são os *treinadores daqueles que desejam percorrer com responsabilidade o caminho da vida*.

Diante da grandeza desses modelos o Triódio, pasmado, exclama:

*Quem dentre os mortais poderá narrar as vossas vidas maravilhosas, Padres universais? Qual é a língua que falará sobre os vossos combates sagrados, sobre o vosso suor sagrado no Espírito? Quem falará dos combates pelas virtudes, da consumação do corpo, das batalhas contra as paixões nas vigílias, nas orações e nas lágrimas? Vós, realmente passastes pelo mundo como anjos; destruístes totalmente o poder dos demônios, operando milagres e prodígios extraordinários....*¹⁰⁹

A eficácia do bom exemplo depende de uma vida reta e do testemunho corajoso. Para a Quaresma que se aproxima, o testemunho e o exemplo dos Santos Teóforos são a prova de que a conversão é possível. “...tendo rompido os vínculos das paixões, dizemos no ofício das Matinas, aderistes ao amor do bem; vós vos revestistes de Cristo, da sua glória não mundana e, encontrando o repouso, graças as vossas fadigas, alcançastes a vida suprema dando provas de continência”.¹¹⁰

As suas vidas e o seu testemunho são motivos de orgulho para a Igreja. Foram eles os que “santamente praticaram a ascese e viveram em continência e em jejum autêntico e explicaram-nos o Evangelho de Cristo”.¹¹¹ Na luta

¹⁰⁸ Cf. Sábado dos Laticínios, Vésperas, estrofe.

¹⁰⁹ Sábado dos Laticínios, Vésperas, estrofe.

¹¹⁰ Sábado dos Laticínios, Matinas, ode 3.

¹¹¹ Sábado dos Laticínios, Matinas, estrofes posteriores.

diária eles venceram porque foram “temperados pelas lutas contra as tentações, com a continência subjugaram o corpo, tornando-o escravo do espírito e viveram na terra uma vida angélica, tornando-se dignos de glória”.¹¹² É esse testemunho ascético que os torna grandes modelos para este tempo de conversão.

Como cidadãos terrestres, viveram uma vida angélica e cheia de virtudes. Tiveram coragem suficiente para não compactuar com o mal e desprezar “as coisas corruptíveis e efêmeras e, realmente, consideraram-nas teia de aranha e refugio para ganhar a Cristo, o seu reino e as realidades divinas que o olho humano não vê nem o ouvido ouve”.¹¹³ Eles conseguiram chegar à santidade. A grandeza de suas vidas, além de ser motivo de júbilo para nós que os celebramos e para o céu que os possui como habitantes, também são alegria imensa para a terra. A existência deles, as suas obras e os milagres santificaram o chão por onde seus pés caminharam. Em vista dos seus méritos, o Triódio convida todos os países e lugares, *berços* de santidade para participarem da nossa alegria:

*Alegre-se Egito, crente; alegre-se, Líbia santa; alegre-se, Tebas eleita; alegre-se todo lugar, toda cidade e região que alimentou os cidadãos do reino dos céus, que os fez crescer na continência e nas fadigas, e fê-los homens perfeitos e diletos de Deus. Eles apareceram como luminárias das nossas almas; eles, pelo esplendor dos prodígios e pelas suas obras maravilhosas, brilharam espiritualmente até aos confins da terra. A eles gritamos: Padres beatíssimos, intercedei pela nossa salvação*¹¹⁴.

Concluindo esta parte, vemos com quanto carinho a Igreja mostra-nos os modelos que se deixaram transformar durante a *Quaresma da vida* e com ascese e penitência conseguiram subordinar o seu corpo ao espírito, a ponto

¹¹² Sábado dos Laticínios, Matinas, Sessionais.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ Sábado dos Laticínios, Vésperas, estrofe.

de viver uma vida angélica aqui na terra. Antes de iniciar da Quaresma a Igreja propõe à nossa consideração as *árvores que produziram frutos incorruptíveis*, para nos demonstrar que a conversão é um empenho possível.

São Teodoro de Tiro¹¹⁵

A memória deste grande mártir do jejum é celebrada no primeiro sábado da Grande Quaresma. O motivo desta festa encontramos em Andronikof que escreve:

Teodoro havia descoberto uma manobra de Juliano apóstata que mandou aspergir com sangue de sacrifícios oferecidos aos ídolos todos os víveres vendidos no mercado durante a Grande Quaresma, para com isso profanar e ridicularizar o sentido da mesma nas consciências dos cristãos. Teodoro, após uma visão, conseguiu persuadir o Bispo (também ele um sutil herético) que de início recusou-se a distribuir trigo cozido com mel e fruta seca como alimento alternativo durante o jejum. Foi martirizado e queimado vivo sob o reinado de Maximino.¹¹⁶

Por este ato heroico e mais ainda pela sua *ardente fé na ortodoxia, com a qual destruiu o ateísmo dos ídolos e tornou-se um holocausto divino*,¹¹⁷ os textos do Triódio apresentam-no como um fervoroso defensor da integridade e da sacralidade do jejum. Teodoro, ao deixar-se queimar vivo, queimou a heresia. Por isso, de derrotado, passou a ser venerado como vitorioso. O cânon do ofício das Matinas enaltece-o dizendo:

¹¹⁵ A sua festa é celebrada no dia 17 de fevereiro, mas pelo motivo que já vimos acima, foi transferida para este primeiro sábado da Grande Quaresma.

¹¹⁶ ANDRONIKOF, C. *Il senso*, p. 193. Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 307; KALLISTOS, A. *The Lenten Triodion*. London and Boston: Faber & Faber, 1978, p. 50-51.

¹¹⁷ Cf. Matinas, Sessionais.

[...] *reduziste a cinzas o santuário dos ídolos, como um atleta venceste esplendidamente o adversário e, no dizer do profeta, passaste pelo fogo como quem passa pela água; por isso és digno de fazer jorrar a todos que pedem com fé, as curas que são recompensas das tuas lutas.*¹¹⁸

Seu ato heroico testemunhado em meio às ameaças é consequência da sua vida de dedicação, de esforço e de luta pela conquista de virtudes. Dos textos litúrgicos consta que ninguém se torna mártir ou santo sem antes tê-lo conquistado em vida. O martírio, portanto, é o ponto de chegada de uma caminhada que teve início muito antes. Celebrando a vida heroica deste grande Mártir no tempo santo da Quaresma, nós reconhecemos que é no *palco da vida* e no empenho cotidiano que ele chegou à santidade, dizendo: “Com todas as tuas forças acumulaste para ti a riqueza e o esplendor da piedade, através das fadigas e da luta, oferecendo a Cristo um dom agradável”.¹¹⁹ O seu nome significa *Dom de Deus* o que realmente ele foi toda sua vida. Ele tornou-se um *dom agradável* pelo zelo, pela dedicação e pela vida rica de virtudes.

No Triódio encontramos ainda muitas outras expressões que o exaltam como aquele que lutou *a favor do culto racional*, venceu *a impiedade cruel dos ídolos* e revelou através do seu ato corajoso, a *fraqueza dos adversários*. Portanto, é justo que a Igreja, ao apresentá-lo como zeloso defensor do jejum, acorra a ele, pedindo: “Ó vitorioso Teodoro, intercede junto a Cristo Deus, para que Ele conceda a remissão das culpas a todos aqueles que festejam com amor a tua memória”.¹²⁰

¹¹⁸ Primeiro sábado da Grande Quaresma, Matinas, ode 3.

¹¹⁹ Primeiro sábado da Grande Quaresma, Matinas, estrofe do glória.

¹²⁰ Primeiro sábado da Grande Quaresma, Matinas, ode 3.

São Gregório Palamas¹²¹

O nome deste Santo e Teólogo é lembrado no segundo domingo da Grande Quaresma. São Gregório não é apresentado como modelo de conversão nem como herói, mas é celebrado como Teólogo ou, usando expressões próprias do Triódio,¹²² como uma *esplêndida tromba da Teologia*; como *sacro e divino esplendor da sabedoria*.

Também como aquele que *iluminou o mundo esclarecendo as verdades da fé ortodoxa*. Pelos seus méritos teológicos o Triódio dá-lhe os epítetos de: “*padre santíssimo, bom pastor, discípulo de Cristo, pastor supremo*”.¹²³ Podemos afirmar que o objetivo principal da celebração deste domingo é exaltar o palamismo como teologia da ortodoxia. Por sua profundidade espiritual e pela coerência com a fé ortodoxa, os seus escritos foram aclamados como sendo “*um segundo triunfo da ortodoxia*”.¹²⁴ O primeiro triunfo foi a vitória da ortodoxia sobre os iconoclastas, comemorada no domingo anterior. No final da celebração das Matinas, o Triódio leva em consideração os seus méritos no campo teológico, dizendo: “*Plantaste as doutrinas da ortodoxia, ó bem-aventurado e cortaste os espinhos do erro; de modo estupendo multiplicaste as sementes da fé com a chuva dos teus discursos e, valente agricultor, apresentaste a Deus o cêntuplo em espigas*”.¹²⁵ São Gregório Teólogo é tido como uma coluna da Igreja. Os

¹²¹ São Gregório Palamas, arcebispo de Tessalônica (1296-1359), foi o mais célebre defensor do Hesicasmo – um estilo de oração incessante e de vida ascética, próprios do Oriente. Em 1638 o patriarca de Constantinopla, Filoteo, o inscreveu na lista dos Santos, fixando a festa da sua memória no dia 14 de setembro e estabeleceu uma comemoração no segundo domingo da Grande Quaresma. Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 308; KALLISTOS, A. *The Lenten*, p. 52-53.

¹²² Cf. Vésperas, estrofe; Matinas, ode 1 e ode 3.

¹²³ Vésperas, estrofe.

¹²⁴ SCHMEMANN, A. *La grande Quaresima*, p. 79.

¹²⁵ Matinas, estrofe do glória.

escritos, são, “para todos, orvalho celeste, mel da rocha, pão dos anjos, néctar, ambrósia, doçura e delícia, ó Gregório, e fonte de água viva”.¹²⁶

A grandeza da sua pessoa é revelada pela quantidade de elogios reportados nos tropários deste dia. O ofício das Vésperas celebra-o com os elogios seguintes: “Astro da ortodoxia, sustento e maestro da Igreja, ornamento dos monges, defensor imbatível dos teólogos, ó Gregório taumaturgo, glória de Tessalônica, mensageiro da graça, reza sempre pela salvação das nossas almas”.¹²⁷ E o ofício das Matinas continua a elogiá-lo:

*Salve, glória dos padres, boca dos teólogos, morada da hesiquia (da paz, tranquilidade), casa da sabedoria, máximo entre os mestres, oceano da palavra; salve, instrumento de virtuosas práticas, cume de contemplação, médico das enfermidades humanas; salve santuário do Espírito, seja em vida que depois da morte, ó pai.*¹²⁸

A sua *beleza intelectual* é resultado do seu esforço ascético. O Triódio considera que somente uma alma pura pode refletir Deus; somente quem tem domínio de si, pode direcionar o seu intelecto para as coisas do alto. Por isso, o cânon do Orthros diz: “Tu te tornaste o espelho de Deus, ó Gregório: de fato, resguardaste em ti a imagem de Deus sem mancha e, usando corajosamente a razão como guia das paixões carnis, obtiveste a semelhança com Ele. Tornando-se fulgurosa morada da Santíssima Trindade”.¹²⁹ A semelhança com Deus surge quando sobre a vida carnal, prevalece a vida espiritual. Um coração repleto de vícios não reflete Deus. Este é, justamente, o propósito que faz parte do nosso empenho quaresmal. Voltamo-nos, portanto, ao Santo que está junto ao Primeiro Intelecto, pedindo no

¹²⁶ Matinas, ode 5.

¹²⁷ Vésperas, estrofes posteriores.

¹²⁸ Segundo domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 9.

¹²⁹ Ibidem.

Orthros¹³⁰ para que as nossas mentes sejam direcionadas a Deus e sejam para nós instrumento de santificação.

Analisando o Triódio, notamos claramente a sua pedagogia: ele nos faz ver a glória, mas também não deixa de nos mostrar e sugerir o caminho a percorrer. São Gregório é celebrado como uma *morada fulgurosa da Santíssima Trindade* e também como o *santuário do Espírito*, mas tudo isso é resultado de uma árdua caminhada.

Indiretamente, o Triódio convida-nos a trilhar os mesmos caminhos percorridos pelos modelos apresentados. Caminhos que, seguramente, nos conduzirão à meta estabelecida, pois, todos aqueles que caminharam por eles, alcançaram a meta estabelecida.

São João Clímaco¹³¹

A sua festa é celebrada no quarto domingo da Grande Quaresma. Se a grandeza de São Gregório consiste na sua prestação intelectual, São João Clímaco, por sua vez, é grande pela sua profundidade espiritual. Ele surgiu como modelo de penitência e os seus escritos passaram a ser lidos nos mosteiros durante a Grande Quaresma. Nos seus livros, e principalmente na *Escada do Paraíso*, ele deixou os seus princípios de ascetismo. Andronikof afirma: “era, portanto, lógico que a Igreja celebrasse próprio durante a Grande Quaresma um dos seus maiores ascetas”.¹³² Ele experimentou o mais alto grau de vida espiritual, isto é, “a deificação do homem através da luz não criada e do caminho que a ela nos encaminha”, esclarecendo, seja com a

¹³⁰ Cf. Matinas, ode 6.

¹³¹ A comemoração da sua memória neste quarto domingo da Grande Quaresma, foi fixada no séc. XIV. Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 308; KALLISTOS, A. *The lenten*, p. 53.

¹³² ANDRONIKOF, C. *Il senso*, p. 205-206.

própria vida que com os seus escritos, que “este caminho compreende, em modo especial e necessário, o jejum”.¹³³

O verdadeiro asceta, conseqüentemente, deve ser um amante do autêntico jejum. São João Clímaco foi um autêntico asceta. Nos textos litúrgicos, ao celebrarmos a sua grandeza espiritual, invocamo-lo chamando-o de:

*[...] anjo sobre a terra e homem de Deus nos céus, honra do mundo, delícia de bens e de virtudes, orgulho dos ascetas: plantado efetivamente na casa de Deus, floresceu à maneira dos justos, e como cedro no deserto multiplicaste os rebanhos das ovelhas inteligentes de Cristo, na santidade e na justiça.*¹³⁴

Por sua vida Santa ele é chamado de *Cidadão do deserto*, amante da solidão, dos desafios da carne e do espírito e vencedor das tentações da vida.

No final da celebração das Vésperas mais uma vez lembramos a sua grandeza espiritual dizendo:

*[...] foste anjo em um corpo e taumaturgo, João, pai nosso. Através do jejum, da vigília e da oração recebeste celestes carismas e curas os enfermos e as almas de todos que acorrem a ti com fé. Glória a quem te deu a força; glória a quem te coroou; glória a quem, por teu intermédio, cura a todos.*¹³⁵

Jejum, vigília e oração serão também para nós pilares durante a Grande Quaresma. O *programa quaresmal* pode ser sintetizado numa só palavra: ascese. São João Clímaco foi realmente um grande asceta. O seu

¹³³ *Ibidem.*

¹³⁴ Quarto domingo da Grande Quaresma, Vésperas, estrofes posteriores.

¹³⁵ Quarto domingo da Grande Quaresma, Vésperas, estrofes posteriores.

empenho ascético foi tamanho que no cânon do Orthros é caracterizado por três termos diferentes: *brasa*,¹³⁶ *aroma*¹³⁷ e *suor*¹³⁸. Sendo *brasa*, a ascese consegue queimar os *espíritos das paixões* e extinguir os impulsos da carne; sendo *aroma*, não é um mero sinônimo de desgaste e de luta, mas portadora de paz e de alegria espiritual, ela transforma-se em *unção de santidade* para todos e dá um sentido superior aos combates espirituais; sendo *suor* é símbolo do esforço, da dedicação quotidiana que deve acompanhar cada asceta e, como tal, é a única que “extinguirá a brasa ardente dos dardos dos inimigos e reluzindo pelo fogo que provém da fé, queimará a incredulidade das heresias”.¹³⁹

Em muitos outros textos o grande padre do deserto é celebrado porque graças às suas virtudes, tornou-se morada divina; adornou a sua alma com o ouro da fé, da esperança e da caridade; livrou-se dos ataques da carne pela continência e tendo apagado o fogo das paixões, deixou-se incendiar pelo fogo da fé, transformando-se em uma lâmpada de continência. As suas conquistas espirituais fazem-no grande e admirado pela Igreja, principalmente, neste tempo Quaresmal, quando o seu modo de conquistar a santidade é elogiado e oferecido aos fiéis como proposta de vida.

Santa Maria Egípcia¹⁴⁰

A memória desta Santa é celebrada no quinto domingo da Grande Quaresma. Se a grandeza de São João Clímaco consistiu-se na ascese, Santa

¹³⁶ Quarto domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 3.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ Quarto domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 6.

¹³⁹ Quarto domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 6.

¹⁴⁰ A festa da sua memória acontece no dia 1º de abril, mas já no séc. XI passa a ser celebrada também no quinto domingo da Grande Quaresma, para, através do seu exemplo, exortar a todos a fazer penitência. Cf. THEODOROU, E. *Le sens*, p. 309; KALLISTOS, A., *Op. cit.*, p. 56.

Maria egípcia é lembrada por causa do seu esforço, da sua coragem e da firmeza demonstrados durante a sua conversão. Abandonando a vida de prostituta, ela refugiou-se no deserto e deixou-se transformar pela ascese e pela penitência. Não obstante a história da sua conversão seja bastante legendaria¹⁴¹, a sua conversão e o seu exemplo de vida não deixam de ser históricos e fascinantes.

A força do seu exemplo e a capacidade de dar um sentido totalmente novo à sua vida é a causa da sua veneração. Os textos litúrgicos celebram-na como *augusto tabernáculo do Espírito* e *esposa de Cristo, graças ao arrependimento*. O ofício das Vésperas a elogia dizendo:

*Morando no deserto, apagastes plenamente da alma as imagens das tuas paixões, conferindo-lhe como diviníssima representação as imagens das virtudes; chegastes a tal ponto de esplendor de caminhar levemente sobre as águas, ó bem-aventurada, elevando-se da terra durante os teus colóquios com Deus.*¹⁴²

A mudança radical e a vida nova fizeram dela um grande exemplo quaresmal. Mais do que todos os outros Santos celebrados, ela representa a situação real de cada um de nós. Buscando a conversão, nós estamos passando pelo nosso *deserto* quotidiano durante o qual, através da ascese e da conversão, devemos transformar as nossas vidas. O seu exemplo é um pronunciamento fortíssimo para chamar os pecadores ao arrependimento neste tempo de reconciliação. A sua vida é nos apresentada como um modelo de vivência quaresmal e os tropários que a veneram são verdadeiros compêndios de ascese. Citarei somente dois textos litúrgicos nos quais vemos a sua vida como um *livro aberto*, pronto para ser lido. O primeiro, tomaremos da celebração das Vésperas, onde dizemos:

¹⁴¹ CLEMENT, O., *Il canto delle lacrime* – saggio sul pentimento. Milano: Ancora, 1983, p. 119, nota 12.

¹⁴² Quinto domingo da Grande Quaresma, Vésperas, estrofe.

Rescindiste com a espada da continência os desejos da alma e as paixões da carne, sufocaste com o silêncio da ascese as culpas do pensamento; irrigaste todo o deserto com os rios de tuas lágrimas e fizeste crescer para nós os frutos da penitência: por isto, ó santa, nós festejamos a tua memória.¹⁴³

O texto seguinte é tirado das Matinas, igualmente expressivo:

Tendo freado com as fadigas ascéticas todos os sobressaltos da carne, tornaste vigoroso o caráter da tua alma: desejando, de fato, ver a cruz do Senhor, tu te crucificaste ao mundo, ó celebérrima, e por isso procuraste ardentemente imitar a vida angélica, ó beatíssima: nós, portanto, honramos com fé a tua memória, Maria, pedindo que nos seja concedida, pela tua intercessão, a remissão das culpas.¹⁴⁴

Continência, ascese, lágrimas, penitência..., são os meios indispensáveis e infalíveis no processo de conversão.

Por fim, mais uma vez notamos que o Triódio, ao apresentar a vida dos Santos, faz-nos ver o valor sobrenatural da Quaresma. Santa Maria Egípcia convida-nos a crer na conversão; São João Clímaco conduz-nos a produzir bons frutos pela ascese; São Gregório Palamas, leva-nos a refletir sobre Deus que habita em nós, tomando a razão por guia; São Teodoro de Tiro desperta em nós o zelo pela santidade do tempo do jejum e os Santos Teóforos mostram-nos que o combate compreendido na ascese e no jejum é por si só uma vitória. Para nós que estamos a caminho, estes testemunhos são de grande estímulo. Neste caminho nós não estamos sós e não somos os primeiros aventureiros. Alguém antes de nós percorreu a mesma estrada, concluindo-a na Glória. O caminho já foi trilhado, as dificuldades já foram

¹⁴³ Quinto domingo da Grande Quaresma, Vésperas, estrofes posteriores.

¹⁴⁴ Quinto domingo da Grande Quaresma, Matinas, ode 3.

superadas e os problemas resolvidos. A nós, que os seguimos, resta permanecer no caminho trilhado por eles e seguir as indicações deixadas. O esforço, a dedicação e a luta, devem ser nossos companheiros inseparáveis. A certeza de chegar lá onde os modelos apresentados chegaram e alcançar a glória por eles alcançada não de nos sustentar nas horas difíceis.

POSFÁCIO

Ao concluirmos estas considerações sobre a conversão no Triódio Quaresmal podemos afirmar que ela é uma ação possível, complexa, divina e humana. A Quaresma é o tempo no qual o Senhor purifica a sua Igreja; é um tempo consagrado e orientado em vista de um fim bem determinado: purificar o Povo de Deus, em vista da Ressurreição. E o Triódio exerce neste processo uma função fundamental.

Sendo um livro litúrgico, coloca-nos face-a-face com o Senhor misericordioso, com o Pai que nos espera em sua casa, com a fonte de Misericórdia e, também com todo o céu que espera a nossa conversão para se alegrar. E nesse contato com Deus, no mesmo instante em que se descobre pecadora, a pessoa se depara com a possibilidade de retornar e também com o caminho a percorrer. Esta pedagogia é louvável no Triódio. De um lado mostra a nossa nudez, mas não nos deixa no desespero, indicando a Luz que está no final do túnel.

Mencionamos que a conversão é uma ação complexa. E realmente é! Envolve Deus com o seu convite e com a sua graça; envolve o céu, ou melhor dizendo, a Mãe de Deus, os Apóstolos, os Mártires que por nós intercedem e envolve a nossa própria pessoa que é chamada a responder ao apelo divino.

A conversão, tem início em Deus. É Ele o Bom Samaritano que nos encontra semimortos e debruça-se sobre a nossa miséria. É a sua graça que move o nosso coração. Deste ponto de vista a conversão é fruto da misericórdia divina. Mas igualmente é fruto do nosso empenho pessoal. Somos nós que devemos responder ao apelo divino. O passo em direção à Fonte de Misericórdia é estritamente pessoal e exige esforço, opções, mudanças e empenho ético-moral.

Admirável é a pedagogia utilizada pelo Triódio. Nas semanas preparatórias à Grande Quaresma, ele nos indica os fundamentos nos quais a conversão deve se apoiar. Como devemos caminhar? Na humildade; Onde devemos chegar? Aos braços do Pai que nos espera; em que situação nós nos

encontramos? Exilados e expulsos do paraíso; O que é que nos espera? O último julgamento, do qual ninguém escapará.

Durante a Grande Quaresma, o Triódio nos dirige no caminho já iniciado, guia-nos com temáticas apropriadas e, de modo especial, mostrando aquelas pessoas que já trilharam o mesmo caminho por nós iniciado e venceram a batalha da vida. Nós não somos os primeiros. Esta é a grande força dos *exemplos quaresmais* que o Triódio nos faz contemplar e admirar. A batalha por eles vencida e a glória na qual ora se encontram são para nós estímulo para continuarmos firmes nos propósitos iniciados, pois, todos aqueles que lutam e vencem recebem a merecida coroa da vitória.

Contudo, esse processo proposto e sustentado pelo Triódio não possui um fim em si próprio, mas tem a finalidade de nos preparar para a Ressurreição. Todo esforço, toda purificação só encontram sentido no fato que nos preparam para o encontro com Cristo Ressuscitado. Sem este fim específico, a Quaresma e todo esforço que ela comporta, não têm sentido.

Concluindo, podemos dizer que a conversão é intrínseca ao Triódio. O converter e o reconduzir os filhos pródigos ao seio paterno constitui a sua própria natureza.

BIBLIOGRAFIA

AAVV. *L'anno Liturgico - Storia, Teologia e Celebrazione*. In: An'amnesis 6. Genova: Marietti, 1988, p. 151-173.

AAVV. *Scientia Liturgica V: Tempo e spazio liturgico*. Direzione di Anscar J. Chupungco. Casale Monferrato: PIEMME, 1998.

ANDRONIKOF, C. La "Pré-Quarentaine" ou les semaines préparatoires au Carême. In: *Liturgie et rémission des péchés - Conférences Saint-Serge, XX° Semaine d'Études Liturgiques - Paris (1973)* BEL Subsidia 3, Ed. Liturgiche, Roma, 1975, 9-37.

_____, *Liturgie et conversion, in Liturgie, conversion et vie monastique*. - Conférences Saint-Serge, XXXV Semaine d'Études Liturgiques, Paris, 1988, BEL Subsidia 48. Roma: Ed. Liturgiche, 1989, p. 3-18.

_____, *La Doctrine Trinitaire du Triode, in Trinité et Liturgie*. - Conférences Saint-Serge, XXX Semaine d'Études Liturgiques, Paris, 1983, BEL subsidia 32. Roma: Ed. Liturgiche, 1984, p. 17-35.

_____, *Il senso della Pasqua nella liturgia bizantina*. vol. I, Torino: ELLE DI CI, 1986.

_____, *Le cycle Pascal - le sens des fêtes II*. Lausanne et Paris: L'age d'home, 1985, 46-185.

ANTHOLOGHION di tutto L'anno. vol. II, trad. di Maria Benedetta Artioli. Roma: LIPA, 2000.

BOISMARD, M. E. Conversion et vie nouvelle dans Saint Paul. In: *Lumière et Vie*, t. IX, n. 47, 1960, p. 71-94.

BONNET, G. Le mystère de la Croix dans la carême orthodoxe. In: *Irénikon* 52, 1979, p. 54-68, 200-213.

BONNET, M., La mystagogia du triode. Expérience personnelle du mystère du salut pendant la Carême orthodoxe. *In: Mystagogie: Pensée Liturgique d'Aujourd'hui et Liturgie Ancienne – Conférences Saint-Serge, XXXIX Semaine d'Études Liturgiques*, Paris, 1992, BEL Subsidia 70, Ed. Liturgiche, Roma, 1993, p. 37-54,

BORNET, R. La célébration de la Sainte Croix dans le rite byzantine. *In: La Maison Dieu* 75, 1963, p. 92-108.

BOUYER L. Le Carême, initiation pascale. *In: La Maison-Dieu* 31, 1952, p. 15.

CAPPUYNS, N. *Le Triodion*. Étude historique sur sa constitution et sa formation. (Tesi PIO, 1935).

CLEMENT, O. *Il canto delle lacrime - saggio sul pentimento*. Milano: Ancora, 1983.

DOL'NYCKYJ, I. *Typicon della Chiesa Cattolica Ucraina*. Roma: PP. Basiliani, 1992, p. 597- 608.

DONADEO, M. *La croce nella preghiera bizantina*. Brescia: Morcelliana, p. 30.

GUILLAUME, D. *Triode de Carême*. Tome 3. Roma: College Grec de Rome, 1978.

HALLIT, J. La croix dans le rite byzantin. Histoire et théologie. *In: Parole de l'Orient* 3, 1972, p. 261-311.

JOHNSON, MAXWELL E. From three weeks to forty days: Baptismal preparation and the origins of lent. *In: Studia Liturgica* 20, 1990, p. 185-196.

KALISTOS, W- MARY, M. *The Lenten Triodion*. London: Faber & Faber, p. 40.

LENTEN TRIODIO (Ukrainian Language), ed. Scientific Theological Institute of the Ukrainian Orthodox Church of U.S.A., 1976.

KATTRIJ, J. *Know your rite: liturgical year of the Ukrainian Catholic Church*. New York: Basilian Fathers, 1982.

KARABINOV, I. A. *Postnaia Triod. S. Pietroburgo: 1910*

MANSVETOV, O. *O postakh Pravoslavnoi Tserkvi*. Mosca: 1887

MASSENET, M., Le jeûne et la faim. *In: Témoignages - revue bimestrielle de formation chrétienne*, p. 107-117.

MEESTER, P. *De riti e particolarità liturgiche del Triodio e del Pentecostario*. Padova: Messagero di S. Antonio, 1943.

MONACI DI GROTTAFERRATA. Preparazione alla Quaresima nella Chiesa Greca. *In: Roma e l'Oriente I*, 1910, p. 210-232.

MONACI DI GROTTAFERRATA. La grande Quaresima nella Chiesa Greca. *In: Roma e l'Oriente I*, 1910, p. 281-296.

O'SHEA, W.J. Lent. *In: New Catholic Encyclopedia*, vol. VIII, San Francisco-Toronto-London-Sidney, 1967, p. 634-636.

RAQUEZ, O. La Liturgie byzantine du Carême. *In: Assemblée du Seigneur* 21, 1964, p. 23-34.

SCHMEMANN, A. *La grande Quaresima*. Casale Monferrato: Marietti, 1986.

SCHMEMANN, A. Jeûne et Liturgie. *In: Irénikon* 27, 1959, p. 292-301.

SCHMEMANN - OLIVER. Le mystère pascal. *In: Spiritualité orientale* n. 16, 1975, p. 11-56.

TALLEY, T. J. *Le origini dell'anno liturgico*. Brescia: Queriniana, 1991

THALLEY, Th. The origin of lent at Alessandria. *In: Studia Patristica*, XVII. Oxford - New York, 1982, p. 594-612.

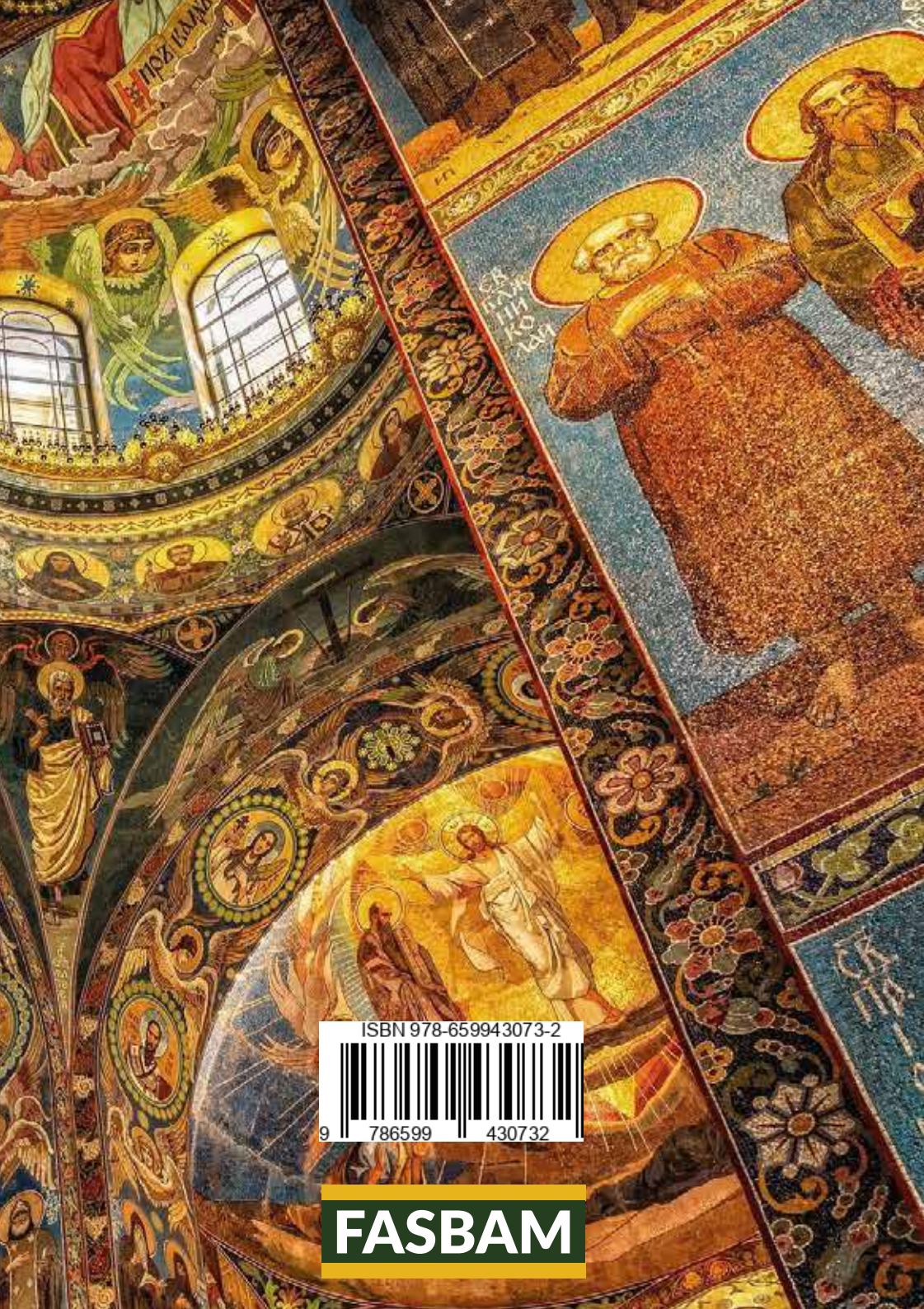
THEODOROU, E. Le sens, l'esprit, la méthode du triode. *In: La Liturgie - son sens, son esprit, sa méthode - Conférences saint-serge*, XXVIII Semaine D'études Liturgiques, Paris, 1981, BEL subsidia 27, ed. Liturgiche - Roma, 1982, p. 305-320.

TAFT, R.F. *Beyond East and West*. Problems in liturgical Understanding. Roma: Ed. Orientalia Christiana, P.I.O., 1997, p. 73-85.

VANCARDARD, E. Carême, (jeûne du). *In: Dictionnaire de Théologie Catholique - XII*. Paris: Librairie Letouzey et ané, 1932, p. 1724-1750.

VANCARDARD, E. Carême. *In: Dictionnaire D'archéologie Chrétienne et de Liturgie*, t. XII, parte II. Paris: Letouzey et ané, 1910, p. 2140-2158.

VELEKOPISNA TRIOD (Triode della grande quaresima). Roma: Padri Basiliiani, 1994.



ISBN 978-659943073-2



9

786599

430732

FASBAM